



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**FACULDADE DE COMUNICAÇÃO**

**MONIQUE CARNEIRO AGUIAR**

**CONSUMO CULTURAL E DISTINÇÃO SOCIAL: UMA  
SONDAGEM DE OPINIÃO JUNTO AOS ESTUDANTES DA UFBA  
(2013)**

Salvador

2014

**MONIQUE CARNEIRO AGUIAR**

**CONSUMO CULTURAL E DISTINÇÃO SOCIAL: UMA  
SONDAGEM DE OPINIÃO JUNTO AOS ESTUDANTES DA UFBA  
(2013)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada à Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, como requisito para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação com habilitação em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Adriano de Oliveira Sampaio

Salvador

2014

## **AGRADECIMENTOS**

Durante o processo de desenvolvimento deste trabalho, e também durante toda jornada que levou até ele, a ajuda e atenção de algumas pessoas foi de extrema importância para que eu pudesse chegar a sua conclusão.

Aos meus pais, cuja enorme dedicação, carinho e ajuda me permitiram chegar até aqui.

A Marco, que viveu comigo toda a graduação, por dar força aos meus sonhos e me fazer acreditar que eles podem dar certo.

Ao professor Adriano Sampaio por ter me ajudado a encontrar um caminho em minha monografia.

A todos que dedicaram alguns minutos da sua vida a me ajudar nesta pesquisa respondendo aos formulários, sem estas respostas este projeto não seria possível.

Aos membros da banca por aceitarem participar e contribuir com a minha formação acadêmica.

## RESUMO

**Resumo:** Esta monografia tem como principal objetivo revisitar a teoria proposta por Pierre Bourdieu em seu livro *A distinção – crítica social do julgamento* a fim de avaliar a relação entre consumo cultural e distinção social entre estudantes universitários na UFBA. Para tanto, foi realizada uma sondagem de opinião junto a um grupo de setenta alunos da Universidade Federal da Bahia com o objetivo de coletar dados sobre o seu consumo cultural. Além disso, a pesquisa busca refletir sobre os conceitos de cultura e consumo e compreender os mecanismos de distinção social através do consumo cultural em um dado contexto social: o universitário. Por fim, esta monografia tem a intenção de investigar, através da análise dos dados recolhidos, como os mecanismos de distinção e as relações de domínio simbólico se apresentam atualmente. Isso sem perder de vista a própria questão das pesquisas de opinião, seu funcionamento e efetividade.

**Palavras-chave:** distinção social, consumo cultural, domínio simbólico, universitários, Pierre Bourdieu, pesquisa de opinião

# SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	6
<b>2</b>	<b>GOSTO E CONSUMO COMO DISTINÇÃO SOCIAL</b>	
2.1	OS CONCEITOS DE CULTURA E CONSUMO.....	9
2.2	A ASCENÇÃO E QUEDA DO GOSTO.....	13
2.3	AS PESQUISAS SOCIOLOGICAS.....	17
<b>3</b>	<b>AS PESQUISAS DE OPINIÃO</b>	
3.1	PESQUISAS QUALITATIVAS E QUANTITATIVAS .....	21
3.2	BOURDIEU E A PESQUISA DE OPINIÃO.....	24
3.3	METODOLOGIA E AMOSTRA.....	27
<b>4</b>	<b>SONDAGEM UNIVERSITÁRIA E A DISTINÇÃO DE BOURDIEU</b>	
4.1	O PERFIL UNIVERSITÁRIO.....	30
4.2	VERIFICAÇÃO DA TESE.....	38
	4.2.1 GRUPO DE MAIOR RENDA.....	40
	4.2.2 GRUPO DE MELHOR HISTÓRICO EDUCACIONAL.....	42
4.3	AVALIAÇÃO DE FATORES.....	46
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	50
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	53
	<b>ANEXO</b> .....	55



## 1 INTRODUÇÃO

Desde os mais remotos agrupamentos sociais já formados pelo homem, tentar destacar-se dos demais é uma busca incessante que parece acompanhar nossa espécie mais do que qualquer outra. Desde a pré-história, conseguir a melhor caça e a melhor caverna eram provas de força, capacidade de sobrevivência e adaptação. Desta forma, o indivíduo destacava-se dos demais, ganhava o respeito do grupo e a admiração das fêmeas. Além disso, graças às suas próprias habilidades, o bom caçador conseguia se alimentar e se proteger melhor que os demais, garantindo a estabilidade do seu *status*, pelo menos até que um caçador melhor aparecesse.

Porém, se na pré-história os indivíduos precisavam apenas se preocupar em mostrar as melhores habilidades naturais, não tendo entre eles nenhum tipo de vantagem além das pré-disposições biológicas, nos períodos a seguir estes mecanismos de distinção social se tornaram muito mais complexos. Um dos principais marcos desta mudança nos fatores de distinção social foi o surgimento da propriedade privada. A possibilidade de acúmulo de posses materializou, de forma muito mais significativa, o processo que antes estava mais ligado à habilidades imateriais.

Neste novo contexto, de propriedades privadas, a distinção social passou a se dar através do acúmulo de riquezas. Assim, essa distinção se tornou muito mais permanente do que as características físicas anteriores, que com o tempo acabavam por se esvaír. Porém, o mais importante desta mudança é que ela passou a permitir a hereditariedade desta distinção social. Podia até ser esperado do filho do bom caçador que este carregasse as habilidades do pai, mas esta nova geração teria por sua vez que provar sua força e capacidade de sobrevivência novamente. Já o herdeiro daquele que conseguisse acumular uma grande quantidade de posses teria direito natural a estas riquezas e a distinção social proveniente delas, garantindo assim hereditariamente seu posto na hierarquia social.

A medida que mais e mais indivíduos passaram a ostentar posses, a maior quantidade de riquezas se tornou o diferencial. Aqueles que possuíam os maiores agrupamentos de terras e animais eram os novos “senhores” do seu grupo, ditando o estilo de vida a ser invejado e desejado pelos demais. Sua posição privilegiada garantia também a estes indivíduos a capacidade de estabelecer as normas de conduta e regras sociais dominantes. Neste ponto a capacidade de consumo proveniente destas riquezas acumuladas era uma das maiores “provas” da distinção social.

Estes fatores de distinção porém, não são fixos, estando em constante modificação. A medida que são alcançados pelos demais, ou a medida que mudanças no contexto social e econômico prevêm a valorização de outros fatores, esta distinção social tem suas características alteradas. No século XVII por exemplo, ela muda novamente. Com cada vez mais burgueses e comerciantes obtendo a capacidade de adquirir os produtos característicos desta elite social, esta prevê a necessidade de modificar os fatores de distinção social, tornando-os de difícil alcance novamente.

É neste contexto que o “bom gosto” e as “boas maneiras” tornam-se importantes mecanismos de distinção social. Buscando fugir das “provas” materiais, cada vez mais alcançáveis, a nobreza estabelece estes talentos sem nenhum tipo de uso prático como principal critério de identificação de uma elite cujas riquezas, fartas e antigas, permitem o luxo do não trabalho e da dedicação a talentos sem utilidade prática. Desta forma, a antiga nobreza, cujos privilégios são passados de geração para geração, consegue novamente determinar fatores de distinção em relação aos trabalhadores enriquecidos. Esse novo fator traz de volta a valorização de habilidades “imateriais”, porém essas não são “naturais”, de forma que para serem efetivadas, pressupõem uma larga fonte de renda que permita dedicação ao seu desenvolvimento.

Avançando no tempo até o século XX, no fim da década de setenta, o sociólogo francês Pierre Bourdieu (2006) realiza uma pesquisa cujo principal objetivo é compreender a distinção social através do consumo cultural. Segundo o autor, quanto mais próximo da cultura “legítima”, sendo esta as formas culturais dominantes, estiver o seu consumo, mais prestígio social ele gera. Desta forma Bourdieu identifica os principais fatores que levam à



acumulação do capital cultural necessário para a realização deste tipo de consumo de obras artísticas e culturais e denuncia um domínio simbólico por parte das elites econômicas e educacionais. Isso porque, de acordo com o sociólogo, esses grupos seriam capazes de “transmitir” aos seus filhos parte de seu capital cultural, permitindo assim que eles apresentassem um desempenho superior mesmo em relação a aqueles que recebessem uma mesma educação formal.

Porém, será que trinta anos depois, em uma sociedade cujos arranjos sociais já se mostram bastante modificados e o acesso à educação e ao conhecimento já se tornou consideravelmente mais simples, seja pelos meios tradicionais como a escola e a Universidade, ou meios livres como a internet, ainda é possível dizer que este domínio simbólico exista? Será que já não é possível identificar uma mudança nas possibilidades de acúmulo de capital cultural, uma vez que esse está mais acessível hoje do que em qualquer outro momento da história? Esta pesquisa busca refletir sobre essas perguntas revisitando a pesquisa de Bourdieu. Para tanto, foi realizada uma sondagem de opinião junto a estudantes da Universidade Federal da Bahia com o objetivo de verificar se entre indivíduos de mesmo nível de educação formal ainda é possível identificar diferenças de capital cultural resultantes de diferenças na renda e no histórico familiar dos indivíduos.

## 2 GOSTO E CONSUMO COMO DISTINÇÃO SOCIAL

### 2.1 OS CONCEITOS DE CULTURA E CONSUMO

Essencial a maioria das reflexões das ciências sociais, em especial da comunicação e a sociologia, o conceito de cultura se mostra tão rico quanto diverso. Ao longo de sua história este termo passou por diversas mutações, respondendo não apenas a fatores de ordem linguística, mas também às necessidades da sua época. Portanto, para compreender as aplicações e usos contemporâneos do termo é preciso primeiro compreender a sua gênese social.

Um de seus mais antigos usos começa a aparecer em meados do século XIII e nele a palavra *cultura* dizia respeito a cultivar, no sentido de habitar e cuidar da terra ou, um pouco mais adiante, se referindo a uma parcela de terra cultivada. Por volta do século XVI esta palavra começou a ter seu sentido expandido. Desta vez através de metáfora, *cultura* passou também a designar uma outra espécie de cultivo, o desenvolvimento de faculdades mentais humanas (WILLIAMS, 1976)

O conceito de *Cultura* como um processo abstrato de afinamento dos costumes, ou o produto deste processo abstrato, começa a surgir por volta do século XVIII. Neste caso o termo se encontra mais ligado a uma espécie de “formação do espírito”. Desta forma, de uma ação de “cultivar”, o termo *cultura* passa a designar um estado “ter cultura” e por influência da ideologia iluminista o termo passa a ser associado à ideias de progresso e evolução.

No século XVIII, há também uma outra virada importante no uso deste termo. Até então apenas utilizado no singular, *cultura* passa também a ser utilizado no plural como forma de designar as *culturas* específicas de determinadas nações e períodos. A palavra também é utilizada para dar ênfase a culturas nacionais e tradicionais. Neste mesmo período esta palavra também mantém uma relação complicada com um outro termo: *civilização*

(WILLIAMS, 1976) .Apesar de pertencerem ao mesmo campo semântico e compartilharem boa parte de suas concepções fundamentais, os dois termos não são equivalentes. Como explica o antropólogo Dennys Cuhe (1999), *cultura* diz respeito a processos de aprimoramento pessoal, enquanto *civilização* faz referência a progressos coletivos, como melhorias de instituições, legislação e educação.

De acordo com Raymond Williams (1976) na modernidade é possível identificar três significados do termo *cultura* em uso. O primeiro serve para designar o processo de desenvolvimento intelectual, espiritual e estético. O segundo diz respeito a um modo específico de vida de um grupo de pessoas, de um período ou da humanidade em geral. Por fim, em um de seus usos mais tardios, o termo cultura também pode ser utilizado para descrever os trabalhos e práticas de atividade intelectual e especialmente artística. Em outras palavras cultura também pode significar música, literatura, pintura, escultura, teatro e cinema.

O Ministério da Cultura se refere a estas atividades específicas, às vezes com a adição de filosofia, bolsas de estudo, história. Esse uso, (iii), é de fato relativamente tardio. É difícil datar precisamente porque ele é originalmente uma forma aplicada do sentido (i): a ideia de um processo geral de desenvolvimento intelectual, espiritual e estético foi aplicada e efetivamente transferida para os trabalhos e práticas que o representam e o sustentam. (WILLIAMS, 1976, p.90-91) (tradução nossa)<sup>1</sup>

Uma vez discutido o conceito de *cultura*, é preciso também avaliar um outro termo essencial não apenas a esta pesquisa, mas a compreensão da sociedade desta e de outras épocas: o *consumo*.

O termo *consumo* é utilizado predominantemente para descrever todo tipo de uso ou apropriação de produtos e serviços - gastar, devorar, dissipar,

---

<sup>1</sup> A Ministry of Culture refers to these specific activities, sometimes with the addition of philosophy, scholarship, history. This use, (iii), is in fact relatively late. It is difficult to date precisely because it is in its original applied form of sense (i): the idea of a general process of intellectual, spiritual and aesthetic development was applied and effectively transferred to the works and practices which represent and sustain it. (WILLIAMS, 1976, p.90-91)

comer, beber. Apesar de estar relacionado a uma série de ações cotidianas, essa palavra não recebeu nenhum tipo de atenção especial na nossa sociedade até a Revolução Industrial, quando se tornou parte essencial de um enorme processo de mudança na fabricação dos produtos que modificou toda a estrutura social de sua época.

Por volta do fim do século XVIII e início do século XIX, a nova forma e ritmo de produção possibilitados pela Revolução Industrial fizeram emergir um significado um tanto mais abstrato dos termos *consumo* e *consumidor* (WILLIAMS, 1976). Com a industrialização dos processos de produção, máquinas substituíram boa parte dos processos manuais produtivos, o que tornou a produção muito mais rápida e eficiente, aumentando, vertiginosamente, a capacidade de oferta de produtos. Porém, isso fazia com que fosse necessário também criar um consumidor final para estes novos itens cujo ritmo de produção, na maioria das vezes, superava em muito a demanda para suprir as necessidades básicas. Para este excedente era necessário criar, ou mais especificamente, *massificar* um novo consumidor, e uma nova forma de consumo. Este tornou-se mais que um mero cliente ou um usuário, mas um personagem ligado a um forte processo de propaganda que visava a criação das necessidades e desejos para os quais o consumo desses produtos seriam a solução.

Neste mesmo contexto, o *consumo* também tem seu uso expandido e passa a designar muito mais do que apenas a obtenção e uso de mercadorias. Consumir passa a ser uma ação carregada de valor simbólico, tornando-se um ato de distinção social.

Para Baudrillard, a característica essencial do movimento em direção à produção em massa de mercadorias é que a supressão do valor de uso original e “natural” dos bens perante o predomínio do valor de troca, sob o capitalismo, resultou na transformação da mercadoria num signo, no sentido de Saussure, cujo significado é determinado arbitrariamente por sua posição num sistema auto-referenciado designificantes. O consumo, portanto, não deve ser compreendido apenas como consumo de valores de uso, de utilidades materiais, mas primordialmente como o consumo de signos. (FEATHERSTONE, 1995, p.121-122)

Atualmente, a palavra *consumo* está fortemente ligada à economia, sendo, muitas vezes, utilizada erroneamente com sinônimo de compra, ou seja, da troca de um bem ou serviço por dinheiro. Porém, esta ação envolve muito mais do que a simples compra de um produto.

Sem ignorar o contexto contemporâneo e os principais usos estabelecidos pela palavra *consumo*, nesta pesquisa iremos focar principalmente em um outro uso possível do termo *consumo*: a ação de passar da forma contemplativa à experiência do viver. Desta forma, ao falarmos de *consumo cultural* estaremos nos referindo não meramente à compra de um livro ou de uma entrada ao cinema, mas a um ato de consumo muito mais abstrato relacionado à exposição e fruição desses bens artísticos, e a simbologia envolta neste processo de escolha e consumo. Ou seja, da escolha de se pôr diante de um determinado objeto, e não de outro, e de dialogar com ele através da fruição.

Além disso, é importante observar que, seja qual for o significado de consumo do qual se esteja tratando, este é um termo cuja ação é repleta de significado. Através do consumo, seja ele de produtos ou de obras culturais, apostamos que seja possível compreender os valores, normas e o funcionamento de uma sociedade.

A tentativa de explicar o consumo pode implicar o estudo da satisfação de necessidades ou desejos (desde a necessidade de comer e vestir à compensação de sentimentos de inferioridade, insegurança ou perda), da comunicação de distinções sociais, do reforço de padrões de superioridade e inferioridade entre indivíduos e grupos, da simbolização de sucesso ou poder, assim como da expressão de estados de espírito ou de formas de comunicação interpessoal (RIBEIRO, 2008, p.03)

Nos estudos da sociologia do consumo três principais ramos de pesquisa tentam explicar este fenômeno social e os seus determinantes. A primeira é a Teoria da ação racional aplicada ao consumo, que diz “*que estando o consumidor ciente das vantagens e constrangimentos inerentes às escolhas que estão à sua disposição, optará pela que lhe possa trazer maior*

*benefício*” (RIBEIRO, 2008, p.03). A segunda defende a influência das estruturas sociais nas escolhas de consumo, desta forma os atos de consumo são estudados levando em conta todos os fatores sociais atuantes no processo. Por fim, a terceira perspectiva, pós modernista, traz o consumo como uma ato de afirmação individual. As teorias e pesquisas a serem utilizadas neste trabalho seguem, quase que unitariamente, a segunda linha de pensamento, que aborda o consumo em seu contexto social.

## 2.2 A ASCENÇÃO E QUEDA DO GOSTO

Desde as mais primitivas formas de organização social o homem sempre buscou formas de se diferenciar dos demais ao seu redor, destacar-se no grupo demonstrando poder e superioridade. Depois da II Revolução Industrial, O principal fator desta distinção em muitos casos foi o consumo – seja ele de alimentos, de roupas, de mobiliário, etc. A capacidade de obter os melhores produtos já era, desde então, fonte de status social. Em seus estudos na Teoria da Classe Ociosa, Thorstein Veblen (1965) mostra como esta distinção através do consumo tornou-se ainda mais evidente após o surgimento da propriedade privada, e associou-se a outros fatores como a não necessidade de trabalhar e a capacidade de demonstrar talentos refinados.

Algumas das principais mudanças de pensamento provenientes do surgimento da propriedade privada dizem respeito ao modo como o trabalho útil passou a ser visto pela sociedade. Sendo o acúmulo de propriedades fonte de riquezas, esse, por sua vez, tornava desnecessário o trabalho, o que fez com que a necessidade de realizar tarefas produtivas fosse vista como motivo de inferioridade e desonra. A capacidade de ócio, por sua vez, proveniente do acúmulo de posses e a conseqüente “desnecessidade” de trabalho, tornou-se signo de riqueza e era fonte de orgulho e prestígio (VEBLEN, 1965)

Porém este ócio disposto pela elite não era capaz de causar respeitabilidade por si só, como explica VEBLEN (1965, p.27) “na vida ociosa, a parte de tempo gasta longe de espectadores só contribui para a

respeitabilidade do indivíduo quando produz um resultado concreto e visível, capaz de ser apresentado por outros aspirantes à respeitabilidade”. Era preciso que este ócio produzisse “produtos” que lhes pudessem servir de prova e de comparação com os dos demais senhores. Como estas “provas” não poderiam se apresentar na forma de produtos materiais, uma vez que estes são necessariamente fruto de atividades práticas, desta forma o resultado deste ócio passou a ser representado por produtos “imateriais” - talentos eruditos, artísticos e conhecimentos. Talentos esses sem nenhum valor lucrativo ou prático e cuja obtenção demandava longos períodos de tempo, que apenas poderiam ser dispostos por senhores cujo ócio permitisse tal dedicação.

São dessa espécie, por exemplo, no nosso tempo, o conhecimento de línguas mortas e das ciências ocultas, da ortografia correta, da sintaxe e da prosódia, das várias formas de música doméstica e de outras artes caseiras, dos últimos refinamentos de vestuário, da mobília e da equipagem, de jogos, esportes e animais de raça como cães e cavalos de corrida. Em todos estes ramos do conhecimento, o motivo inicial de sua aquisição e de sua voga pode ter sido algo há muito distanciado do desejo de demonstrar que não se perdeu tempo em atividade industrial. (VEBLEN, 1965, p.25)

Desta forma, muito mais do que mera representação da possibilidade de poder não trabalhar e dispor assim de tempo livre para atividades sem fins lucrativos, o ócio passa a ganhar importância através de seus “produtos”, que viram signo de poder e status social, como explica Jean-Louis Flandrin (2009, p.308): “*A Idade Média privilegiou a cortesia, que subsistiu nos períodos subsequentes com os nomes de "civilidade", "urbanidade", "polidez"; o Renascimento insistiu na eloquência, que nunca mais deixou de ser valorizada; e o século XVII inventou o bom gosto.*”

Neste mesmo contexto, um outro fator torna ainda mais relevante o aprimoramento destes talentos e do gosto: o aumento da capacidade produtiva e do comércio. Estas alterações econômicas produziram mudanças nas relações sociais, tornando possível para os trabalhadores comuns consumir mais do que apenas o necessário para a sua subsistência, o que antes era um

privilégio exclusivo dos senhores, além de possibilitar o crescimento de novos grupos sociais como o dos comerciantes. As “novidades de classes no interior das elites” e os ganhos monetários da nova burguesia comercial eram outras ameaças constantes (FLANDRIN,2009). Desta forma, torna-se ainda mais relevante distinguir-se não apenas pela sua capacidade monetária de consumo, mas pela qualidade dos itens consumidos, e também pelos “bons-modos” ao consumir os mesmos.

Essa complexa combinação entre regras de etiqueta e refinamento do gosto e do consumo exigiam um longo tempo de aprendizado na maioria das vezes não dispostos pelas novas classes, abastadas porém trabalhadoras, que iam emergindo. Portanto, se por um lado esses novos grupos podiam representar uma ameaça no que diz respeito à capacidade monetária de consumo; o bom-gosto e estes demais talentos de inutilidade prática garantiam, a antiga elite, a manutenção do seu *status*, da sua distinção social, perante os demais. Neste contexto em que a qualidade do consumo e os talentos ociosos assumem papel tão importante, ganham destaque também as artes, cuja capacidade de apreciação também é vista como produto de um laborioso refinamento estético, possível graças ao ócio.

Desde alguns séculos os reis editavam leis suntuárias para com bater a insolência dos burgueses enriquecidos. De nada serviam. Não impediram esses burgueses de vestir-se como grandes fidalgos, comprar cargos e títulos de nobreza, terras, castelos, construir mansões luxuosas e realizar faustosos festins. Em tais circunstâncias o bom gosto não seria a arma forjada pela aristocracia para conservar um pouco de sua preeminência simbólica? (FLANDRIN, 2009, p.302)

Só em 1932 o *Dictionnaire de L'Académie* contrapõe "gosto" a "riqueza", como em 1835 o opusera a "luxo" e "magnificência". Nos dicionários dos séculos XVII e XVIII, não encontramos vestígios de tais antagonismos ou associações. É bem verdade que o gosto pertencia a um pequeno número de indivíduos. Segundo *La Bruyère*, "existem poucos homens a cujo espírito se alia um gosto seguro"; e, depois de observar "que tocam apenas as almas sensíveis", a *Encyclopédie* conclui: "Esse tipo de belezas criadas para um pequeno número constitui o objeto do gosto propriamente dito". (FLANDRIN, 2009, p.306)



A emergente burguesia por sua vez buscava imitar os padrões de vida, consumo e comportamento desta elite anterior, tentando igualar-se à mesma e obter assim o seu prestígio social. Porém, esta nova classe tinha seu comportamento constantemente ridicularizado pela nobreza, que utilizava o critério do *“bom gosto”* para invalidar os novos atos de consumo dos burgueses, que na maioria das vezes eram classificados como *“rústicos”*, em oposição à fineza e elegância dos nobres. Os padrões de distinção social e consumo até então estipulados pela nobreza só passam a ser ameaçados quando esta antiga elite tem sua posição ameaçada pela tomada de poder da nova elite.

No fim do século seguinte, a Revolução Burguesa retira a antiga nobreza dos seus postos de privilégio social e econômico e leva a burguesia ao topo da pirâmide social, unindo em suas mãos o poder econômico e político. Paralelo a isso, a Revolução Industrial traz um novo ritmo de produção que causa um aumento vertiginoso da capacidade de oferta de artefatos, o que modifica de forma profunda a relação entre a sociedade e o consumo. Se antes o consumo era privilégio das classes altas, sendo possível às classes mais baixas consumir apenas pouco mais que o necessário a sua subsistência, e muitas vezes até menos que isso; agora as *“classes baixas”* se transformam no público-alvo da nova produção excedente, e passa à ter o seu consumo estimulado de forma voraz.

O estilo de vida da burguesia emergente passa a estabelecer os padrões de comportamento e consumo que servem de modelo para o resto da sociedade. Com isso o *“bom gosto”*, principal critério de distinção social instituído pela nobreza, passa a ocupar um posto secundário e cede o lugar principal para a distinção através de um consumo ostentatório de bens materiais, sustentado pela nova elite. A *“produção”* de talentos ociosos e regras de boas maneiras passam a ser substituídos pela produção de objetos de luxo, que agora são o novo objeto de desejo das demais classes

Como Bourdieu avisa, a suplantação de uma necessidade significa a imediata criação de outra que, para um indivíduo em nível inferior da escala social, não passa de um supérfluo, de

um luxo. Mas essa criação de luxos se torna ela mesma uma necessidade das classes abastadas, assim como substituir o que está atrasado e velho. Baudrillard envereda pelo mesmo caminho, ao afirmar que a distinção – e a exclusão – ocorre pela renovação dos bens consumíveis supérfluos: se uma classe inferior consegue ter acesso a um bem (objeto, vestuário, uma moda) que era exclusiva de uma classe superior, esse objeto é então substituído. A satisfação da necessidade daquele indivíduo mais abastado é facilmente superada, mas não a da classe inferior. Dessa forma, a moda se torna um fator de inércia social dada a rápida atualização que ela exige, criando a ilusão de mudança e progresso. (GAMBARO, 2012, p23)

Além de refletir seu próprio comportamento, este novo modelo de distinção também atende aos interesses econômicos na nova elite, uma vez que é ela própria a dona dos meios de produção dos objetos cujo consumo ela estimula. Associado a isso, o novo padrão de consumo em massa, possível devido ao recém adquirido volume de produção e aos novos arranjos sociais, dá ao ato de consumir um novo significado: demonstrar a capacidade simples e pura de consumo econômico, do máximo, e dos mais caros objetos possíveis, muito mais do que os talentos e refinamentos de escolha (imateriais) antes exigidos, se torna então o principal modo de distinção social da sociedade do século XVIII e dos séculos seguintes.

### 2.3 AS PESQUISAS SOCIOLÓGICAS

Durante o século XX, linhas de pesquisa interessadas em compreender e identificar os fatores sociológicos que atuam sobre o processo de consumo passaram a investigar as engrenagens da distinção social através do consumo cultural neste novo contexto socioeconômico. Estudiosos como Veblen (1965) e Bourdieu (2006) publicaram pesquisas nas quais investigavam a influência de fatores como instituições sociais, posição econômica, nível de educação formal e histórico familiar no processo de escolha dos produtos culturais, e formação do gosto.

Autor da Teoria da Classe Ociosa, Veblen (1965) postulava que as escolhas de consumo dos indivíduos eram o resultado da interação entre as pré-disposições inatas dos mesmos e as sanções, estímulos e instituições sociais às quais ele fora exposto.

Veblen, por sua vez, afirma que, do ponto de vista individual, os desejos de cada agente são o resultado de suas características inatas e da sua experiência vital que se realizam dentro de uma malha institucional e de circunstâncias materiais (MONASTÉRIO, 2005, p.6)

Na abordagem vebleniana, a influência das instituições sobre o comportamento individual ocorre por dois canais: impondo normas sociais que restringem sua conduta e agindo sobre os desejos dos agentes. Veblen sustenta que as instituições têm um papel coercitivo na conduta dos indivíduos. O agente, ao buscar a aceitação do grupo social em que está inserido, tem seu comportamento restringido pelas normas em vigor. (MONASTÉRIO, 2005, p.6)

O autor acredita que as preferências individuais são forjadas socialmente, e são influenciadas pelos padrões de consumo e comportamento das classes superiores, uma vez que são estes que costumam servir de modelo para as instituições sociais. Desta forma, as instituições sociais em vigor, influenciadas diretamente pelos padrões de comportamento e consumo oferecidos pela classe dominante, agiriam como reguladoras sobre os instintos naturais dos indivíduos, que buscariam se igualar a este modelo de consumo de forma a serem aceitos na sociedade.

Isto por sua vez torna o processo de consumo cultural repleto de significado, uma vez que ele não apenas representa as individualidades do consumidor, como também reflete as instituições sociais vigentes daquela época, que; por sua vez, regulam as ações dos indivíduos pela busca da aceitação no grupo social em que estão inseridos. Desta forma, não seria possível dizer que o gosto dos indivíduos seria resultado apenas das suas preferências naturais e experiências pessoais, assim como também não é possível afirmar que esse é resultado apenas da pressão das normas sociais, mas sim da ação unificada desses dois fatores.

Em seu livro *A distinção - crítica social do julgamento*, Bourdieu (2006), por sua vez, realizou uma pesquisa empírica a fim de compreender a relação entre consumo cultural e distinção social, avaliando os fatores sociais que influenciavam a formação do gosto e como ele poderia se tornar um signo de distinção. De acordo com o sociólogo francês três fatores seriam de crucial influência da formação deste consumo cultural: a situação econômica, a educação formal e o histórico familiar.

O nível educacional do indivíduo estaria diretamente ligado ao seu consumo cultural, mas não por causa dos temas ensinados nas escolas, que em geral pouco têm a ver com temas culturais, mas por causa das disposições criadas por este sistema de ensino e as pressões exercidas por ele. De acordo com o autor, ao ter acesso a um sistema de ensino formal o indivíduo acaba adquirindo mais do que os conhecimentos formais, ele adquire uma espécie de propensão ao aprendizado, além das ferramentas cognitivas necessárias para buscar e obter novos conhecimentos não curriculares.

Pelas ações de inculcação e imposição de valor exercidas pela instituição escolar, esta contribui também (por uma parte mais ou menos importante, segundo a disposição inicial, ou seja, segundo a classe de origem) para constituir a disposição geral e transponível em relação à cultura legítima que, adquirida a propósito dos saberes e das práticas escolarmente reconhecidos, tende a aplicar-se para além dos limites do “escolar”, assumindo a forma de uma propensão “desinteressada” para acumular experiências e conhecimentos que nem sempre são tão rentáveis diretamente no mercado escolar. (BOURDIEU, 2006, p.27)

Para além disso, ao atingir determinados níveis de educação formal, seria exigido, socialmente, desses indivíduos que eles demonstrassem também um nível de conhecimento e sofisticação cultural, para além dos conhecimentos formais escolares. Essas exigências tácitas acompanhariam os diplomas adquiridos e, estando entre as expectativas conscientes ou não dos seus pares, precisariam ser seguidas por aqueles que adentrassem o grupo.

Certas atividades tão estranhas às exigências explícitas e expressas da instituição quanto o fato de manter um diário íntimo, ou de exagerar na maquiagem, de frequentar o teatro

ou dos dancings, de escrever poemas ou jogar rúgbi, podem assim encontrar-se inscritas na posição considerada, no interior da instituição, como uma exigência tácita, evocada continuamente por diversas mediações (...) (BOURDIEU, 2006, p.29)

Paralelo a esses fatores, o histórico familiar também exerceria seu papel na formação do consumo cultural. Indivíduos que possuíssem o mesmo nível de educação formal, mas históricos familiares distintos, costumavam apresentar desempenhos diferentes. Isso porque aqueles que tinham em sua família um maior histórico de educação formal costumavam ter um contato não apenas mais precoce como também mais natural com as diferentes formas de arte, uma vez que seus pais e familiares iriam dispor de um “bom” capital cultural que por sua vez poderia ser transmitido aos filhos. Com este contato primário, o autor acredita que os indivíduos pudessem desfrutar de um aprendizado mais lento e portanto mais profundo dos códigos culturais, enquanto aqueles que não encontrassem essa oportunidade familiar de contato precisariam adquirir estas mesmas ferramentas de forma mais rápida e através de ferramentas menos eficientes, acabando por ter um conhecimento mais superficial.

Ainda de acordo com Bourdieu(2006) esta “transmissão” de capital cultural através do ambiente familiar seria responsável por uma espécie de domínio simbólico. Nesse contexto, o sistema escolar se transformaria em um reprodutor de desigualdades, uma vez que ele se mostraria insuficiente para superar o melhor desempenho provido por um “bom” histórico familiar, que por sua vez, seria transmitido de geração à geração como uma espécie de herança. Assim, mesmos expostos a uma mesma educação formal, indivíduos com histórico familiar distintos apresentariam desempenhos distintos.

Aliado a tudo isso está também o fator financeiro. Indivíduos advindos de classes mais abastadas costumavam apresentar também um desempenho superior aos dos seus colegas de mesmo nível educacional. Um resultado esperado, uma vez que “os sistemas simbólicos dominantes ou legítimos numa dada configuração social são aqueles construídos e operados pelos grupos que conseguiram se colocar em posição dominante” (CUNHA, 2007, p.505).

Ou seja, estes indivíduos faziam parte do grupo social responsável por instituir a “cultura legítima”. A situação econômica do indivíduo também exerce grande peso nesta análise, uma vez que na maioria dos casos ela é a determinante das possibilidades de educação formal dos indivíduos, além de influenciar o contexto familiar e as oportunidades de acesso a obras de arte para esses indivíduos.

Desta forma, um maior domínio dos códigos culturais representaria uma posição social, educação e histórico familiar privilegiados, tornando-se assim uma fonte de *status* social e uma eficiente forma de distinção, especialmente no que diz respeito aos indivíduos das classes inferiores e com menor oportunidade de acesso a este tipo de capital cultural.

Realizando uma observação geral sobre os estudos apresentados acima, é possível listar alguns fatores apontados como possíveis determinantes do processo de consumo cultural dos indivíduos. Seriam eles: a situação econômica, as instituições sociais vigentes, o nível de educação formal do indivíduo, seu histórico familiar e ainda as suas tendências naturais que acabam por sofrer sanções de todos estes elementos.

### 3 AS PESQUISAS DE OPINIÃO

#### 3.1 PESQUISAS QUALITATIVAS E QUANTITATIVAS

Muito populares entre os ramos de estudo que buscam entender os efeitos dos media sobre o receptor, as pesquisas de opinião tornaram-se uma importante fonte de dados, principalmente no ramo dos estudos da comunicação. Buscando levantar informações de forma empírica, seja para objetivo de análise ou recolhimento de dados para campanhas e empresas, as pesquisas de campo se tornaram uma das ferramentas mais utilizadas quando o objetivo é interpelar o público diretamente. Porém para que estas pesquisas se mostrem efetivas é preciso primeiro conhecer seus métodos de aplicação.

Estes procedimentos de análise e coleta de dados dividem-se principalmente em dois grandes grupos: as pesquisas quantitativas e as pesquisas qualitativas. Se por um lado a pesquisa social quantitativa “lida com números e usa modelos estatísticos para explicar dados” a pesquisa qualitativa “evita números, lida com interpretações das realidades sociais” (BAUER;GASKELL,2002, p22 -23). Desta forma, enquanto a primeira se apoia em pesquisas de opinião realizando levantamentos de dados, principalmente, a partir de questionários. Já a segunda realiza entrevistas mais profundas e semi-estruturadas através das quais os indivíduos podem dar respostas mais livres e subjetivas. O número de entrevistado de cada uma das pesquisas também varia, ele precisa ser maior na quantitativa e pode ser reduzido na qualitativa.

Dentro deste contexto, é preciso observar que apesar da pesquisa quantitativa até pouco ser amplamente predominante não há como excluir fatores qualitativos da mesma. Para criar as categorias às quais serão associadas às estatísticas é preciso fazer distinções qualitativas das mesmas.

Da mesma forma que também é possível dizer que os dados numéricos levantados irão exigir interpretação para sua compreensão e interpretação (BAUER;GASKELL,2002).

Ainda no grupo das pesquisas de opinião é possível classificar também uma série de outros tipos de pesquisas, como estudo de caso, estudo comparativo, levantamento por amostragem, experimento, sondagens, entre outros. As sondagens de opinião, mais especificamente, dizem respeito a pesquisas ou investigações quantitativas rápidas, que, no geral, abrangem um número de entrevistados reduzido, sendo, portanto, menor no que diz respeito ao tamanho da amostra, por exemplo. A partir da amostra, as interpretações são extrapoladas para o universo do grupo permitindo um conhecimento momentâneo sobre os seus elementos. Esta modalidade de pesquisa costuma ser muito utilizada em épocas pré-eleitorais, mas também tem usos sociológicos, demográficos, econômicos e de marketing.

Também relevantes à compreensão deste trabalho são as pesquisas etnográficas. Ramo das pesquisas qualitativas, as investigações etnográficas se caracterizam pela investigação das coisas em seus cenários naturais, ou seja, o fenômeno é avaliado no contexto em que ocorre, junto as suas relações naturais. Mais do que apenas levantar dados estatísticos esse tipo de pesquisa busca compreender os significados atribuídos pelos sujeitos ao seu contexto e à sua cultura através da coleta de dados empíricos pela observação em campo.

Em *A opinião pública não existe*, Bourdieu (1981) faz uma série de observações em relação ao uso das pesquisas de opinião. Entre os pontos citados pelo sociólogo está o fato dessas pesquisas, muitas vezes, estarem subordinadas a interesses políticos ou demandas sociais que estejam em destaque no momento. O autor cita como exemplo as pesquisas sobre educação realizadas na França quando esse tema se tornou um problema político, em maio de 1968:

Isto nos fez ver que mais de duzentas perguntas sobre o sistema de ensino foram feitas depois de Maio de 68, contra menos de vinte entre 1960 e 1968. Isto significa que as



problemáticas impostas a este tipo de organismo estão profundamente ligadas à conjuntura e dominadas por um certo tipo de demanda social. A questão do ensino, por exemplo, só pôde ser colocada por um instituto de opinião pública quando se tornou um problema político. (BOURDIEU, 1981, p11)

O problema é que ao levantar estes temas em momentos de destaque ou crise, como estes, as pesquisas acabam por influenciar a própria problemática, as respostas e o resultado. Somente o fato das pesquisas interpelarem o entrevistado sobre um determinado tema, com o qual ele muitas vezes não estava sequer preocupado, já é uma forma de interferência. Além do mais, na maioria das vezes essas pesquisas de opinião já estabelecem uma linha de questionamento e raciocínio determinada sobre o tema a partir das perguntas elaboradas e selecionadas. Bourdieu afirma ainda que não há uma opinião pública, apenas um somatório de opiniões individuais.

As problemáticas que são propostas pelas pesquisas de opinião se subordinam a interesses políticos, e isto dirige de maneira muito acentuada o significado das respostas e, ao mesmo tempo, o significado dado à publicação dos resultados. Em seu estado atual, a pesquisa de opinião é um instrumento de ação política; sua função mais importante consiste talvez em impor a ilusão de que existe uma opinião pública que é a soma puramente aditiva de opiniões individuais; em impor a idéia de que existe algo que seria uma coisa assim como a média das opiniões ou a opinião média. (BOURDIEU, 1981, p3)

O sociólogo defende, ainda, que nem todos são capazes de oferecer uma resposta adequada à uma pergunta política uma vez que para isso é preciso constituir determinado assunto como político, o que nem sempre ocorre, e que boa parte das respostas podem ser influenciadas por uma espécie de ética de classe, “um sistema de valores implícitos que as pessoas interiorizam desde a infância e a partir dos quais produzem respostas a problemas extremamente diferentes” (BOURDIEU, 1981, p.06) Desta forma o autor defende que para obter resultado mais próximos da realidade seria preciso que estas pesquisas fossem realizadas de modo mais subjetivo e menos artificial.

Em suma, o que eu quis dizer foi que a opinião pública não existe, pelo menos na forma que lhe atribuem os que têm interesse em afirmar sua existência. Disse que por um lado haviam opiniões constituídas, mobilizadas, grupos de pressão mobilizados em torno de um sistema de interesses explicitamente formulados; e por outro lado, disposições que, por definição, não constituem opinião, se por esta palavra compreendemos, como fiz ao longo desta análise, alguma coisa que pode ser formulada num discurso com uma certa pretensão à coerência. (BOURDIEU, 1981,p11)

### 3.2 BOURDIEU E A PESQUISA DE OPINIÃO

Em 1979, o sociólogo francês Pierre Bourdieu lançou uma de suas obras mais relevantes: *A distinção – crítica social do julgamento*. Neste livro o sociólogo investiga o consumo cultural dos indivíduos de diferentes níveis sociais e educacionais de forma a avaliar o uso do mesmo como uma forma de distinção social. Para tanto, Bourdieu realiza uma série de pesquisas de opinião e observações etnográficas que permitem levantar dados através dos quais ele pode observar as variáveis mais ativas no processo de formação do gosto.

Para coletar material para seu estudo, Bourdieu (2006) iniciou suas investigações empíricas no ano de 1963, quando realizou entrevistas aprofundadas e observações etnográficas junto a um grupo amostral de 692 indivíduos residentes em Paris, Lille e uma outra pequena cidade do interior da França. A fim de obter uma população mais sólida para condução de suas análises, o autor procedeu pesquisas complementares durante os anos de 1967 e 1968, elevando a amostra para um grupo de 1217 indivíduos. De acordo com ele, a passagem de tempo entre os dois levantamentos não chegou a influenciar a pesquisa, como explica o autor:

Tendo em vista que a pesquisa media disposições relativamente estáveis, essa defasagem temporal não parece ter afetado as respostas (com exceção, talvez, da questão

sobre a canção, domínio da cultura que é submetido a uma renovação mais rápida. (BOURDIEU, 2006, p.461)

Uma vez coletados os dados os grupos amostrais passaram a ser subdivididos em agrupamentos menores que contemplassem a heterogeneidade presente nos mesmos. Artesãos e pequenos comerciantes precisaram ser agrupados em categorias menores, assim como as classes superior e média. É interessante notar que o autor aplica ao seu próprio questionário às críticas feitas em *A opinião pública não existe* (BOURDIEU, 1981), como o fato de nem todos poderem oferecer uma opinião ou resposta adequada aos questionamentos, ao observar, por exemplo, que o questionário mostrava-se completamente inadequado para trabalhadores agrícolas, que precisariam ser abordados sobre seu consumo de forma diversa. Ainda sobre este mesmo questionário, o francês também avalia a questão da imposição da problemática.

Essa experiência permitiu, entretanto, coletar a única e mais fundamental das informações que pode fornecer o questionamento sobre a cultura legítima quando ele se dirige a indivíduos que dela são excluídos, isto é, o reconhecimento quase universal da cultura dominante e, ao mesmo tempo, observar, em seu grau de reconhecimento máximo, o efeito de imposição de problemática que exerce todo questionamento deste tipo uma vez que, deixando de interrogar-se a si mesma, ela se impõe, em situação de autoridade, a agentes para os quais não existiria fora desse contexto” (BOURDIEU, 2006, p.462)

No questionário aplicado havia um conjunto de “vinte e cinco questões sobre os gostos em matéria de decoração interior da casa, de vestuário, de música, de cozinha, de leitura, de cinema, de pintura e de música, de fotografia, de rádio, de artes amadoras” (BOURDIEU, 2006, p.462) cujo objetivo era captar ao máximo os sistemas de gosto dos indivíduos.

Os formulários começavam com perguntas mais gerais acerca da situação econômica e educacional do indivíduo, além de seu histórico familiar, que permitiam classificar socialmente os mesmos e avaliar o peso destes fatores nos distintos modos de consumo.

Terminada essa primeira fase, Bourdieu realizava uma série de questionamentos sobre temas como a origem e estilo dos móveis e roupas do indivíduo, adjetivos que ele relacionaria como positivos a pessoas e lugares, investigações sobre conhecimento e familiaridade com diferentes tipos de arte como música, cinema e literatura. A visita a museus também fez parte da série de questões, assim como suas impressões sobre pintura e fotografia. Em conjunto, estes aspectos permitiam criar uma visão geral sobre o gosto dos indivíduos e seu nível de interesse pelo consumo cultural.

Já a escolha de um questionário como método de recolhimentos de dados se deu pela necessidade de obter um número satisfatório de informações comparáveis que fossem passíveis de transformação em estatística. O autor, porém, reconhece as falhas dessa escolha, a saber: a perda de informações subjetivas, como um tom empolgado na fala sobre um determinado assunto, assim como a necessidade de explorar todo um domínio, como música ou cinema, em apenas duas ou três perguntas, além da limitação causada pelo fato das opções já estarem pré-selecionadas. Dessa análise escapam também avaliações como a frequência e qualidade de determinadas atividades, como ir ao museu ou ao teatro. Não se pode saber a qualidade das peças assistidas assim como o tipo de exposição visitada. Como exemplifica Bourdieu:

Outro exemplo, a leitura de obras filosóficas, não significa grande coisa enquanto ignoramos a qualidade dos autores lidos: tudo inclina, com efeito, a supor que cada fração tem “seus” filósofos ou mesmo sua ideia do filósofo ou da filosofia e que uns evocarão Teilhard de Chardin, quem sabe Saint-Éxupéry ou Leprince-Ringuet, ali onde outros pensarão em Sartre ou em Foucault. (BOURDIEU, 2006, p.465)

Apesar das ressalvas feitas pelo próprio Bourdieu o questionário cumpre bem sua função de investigar os hábitos de consumo dos indivíduos e se mostra ainda, sob o olhar atento do sociólogo, capaz de revelar detalhes mais subjetivos deste consumo. Ao investigar, por exemplo, o consumo de filmes com perguntas acerca de diretores, atores do filme e pontos mais relevantes na opinião do expectador; o francês consegue diferenciar o consumidor médio

que apenas vai ao cinema, sem fazer nenhum outro tipo de esforço em direção a ampliar seus conhecimentos na área, daquele que, de fato, dedica tempo a apreciação deste tipo de obra, tendo portanto informações adicionais como histórico e diretor do filme.

Após a análise dos dados, Bourdieu chega a conclusão de que o consumo cultural dos indivíduos varia não apenas a partir da sua posição social, mas também de acordo com o nível de educação formal e histórico familiar. O que permitiu as reflexões, já explicitadas no capítulo anterior, acerca do que o autor chama de *domínio simbólico*.

### 3.3 METODOLOGIA E AMOSTRA

Para este trabalho propomos realizar uma breve sondagem junto ao público universitário de Salvador, na Ufba, com o objetivo de recolher dados amostrais acerca do seu consumo cultural e interesse pelas artes e, a partir destes dados, observar se, conforme apontado por Bourdieu (2006), indivíduos de mesma escolaridade, porém de níveis sociais e históricos familiares distintos apresentam capitais culturais dessemelhantes. No total a pesquisa foi aplicada, através da resposta de um questionário, em um grupo de 70 estudantes dos mais diversos semestres, gêneros, idades e áreas acadêmicas.

É importante ressaltar que por se tratar de uma pequena sondagem sem qualquer intenção de criar uma representação oficial do público universitário uma vez que tomamos como referência uma amostra aleatória simples.

Para tal objetivo foi formulado um questionário, inspirado naquele utilizado pelo sociólogo francês, com trinta e cinco perguntas que abordavam os mais diferentes campos do conhecimento artístico, como música, teatro, cinema e pintura, e buscavam avaliar não apenas o consumo mas também investigar a opinião destes indivíduos acerca de determinados produtos culturais. Dessas trinta e cinco questões, as nove primeiras diziam respeito a

informações de classificação dos mesmos, como renda, sexo, local de residência e área acadêmica.

O público alvo escolhido para a realização da pesquisa foram universitários da Universidade Federal da Bahia. Esse grupo, de universitários apenas, foi escolhido com o objetivo de eliminar variáveis relativas aos diferentes níveis educacionais, o que prejudicaria a observação da variação do desempenho apenas conforme renda ou diploma familiar

Além disso, é essencial levar em conta o fato desses estudantes fazerem parte de um patamar educacional atingido por apenas 11% da população brasileira entre 25 e 64 anos de idade – de acordo com dados da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) de setembro de 2012 – o que nos permite considerar este um grupo seletivo e privilegiado educacionalmente.

Já a escolha da Universidade Federal da Bahia se deu não apenas por esta ser referência no meio acadêmico baiano, mas também por esta instituição de ensino contemplar estudantes das mais variadas camadas sociais e áreas de estudo, o que permitiria o recolhimento de uma amostra mais diversa.

Por fim, a variedade da amostra também torna possível exercer análises a partir dos campos de estudo dos entrevistados, levando em conta as possíveis pressões sociais exercidas por estes meios, e os acordos tácitos presentes em cada um deles, principalmente, no que diz respeito aos meios já previamente direcionados ao estudo de formas de arte ou conhecimentos mais abstratos, como as áreas de humanidades e linguística.

É importante ressaltar que, assim como qualquer sondagem de opinião, esta pesquisa não está imune às falhas de um processo como este. Sofrendo, portanto, de limitações como imposição da problemática, interpelação de indivíduos para os quais esta não seria a forma de abordagem mais adequada e ainda a limitação das respostas, uma vez que essas já são pré-estabelecidas.

Aliado a essas análises quantitativas, serão também levadas em conta observações etnográficas recolhidas durante a minha própria graduação, através de conversas e convivência com indivíduos do grupo universitário.

## **4 SONDAGEM UNIVESITÁRIA E A DISTINÇÃO DE BOURDIEU**

### **4.1 O PERFIL UNIVERSITÁRIO<sup>2</sup>**

Tendo como inspiração a pesquisa proposta por Bourdieu na década de setenta, esta pesquisa realizou uma sondagem de opinião junto a jovens universitários da Universidade Federal da Bahia com o objetivo que recolher dados amostrais que servissem para uma observação prática do consumo cultural do grupo. Para melhor analisar os dados levantados e poder estabelecer comparativos com os resultados obtidos pelo sociólogo é preciso primeiramente realizar uma análise geral das informações que permita traçar um perfil médio deste grupo de universitários da UFBA.

Para tanto, começaremos pelo estudo dos dados estatísticos levantados pela primeira parte do questionário, composta de nove questões, que dizem respeito a situação econômica e o histórico familiar do entrevistado.

Dos setenta estudantes entrevistados, 42 eram mulheres e 28 homens, desta forma, 60% do público entrevistado era feminino e 40% masculino. Desse total, 80% tinha menos de 26 anos, e quase metade, 45,7%, estava entre 18 e 22. A maioria absoluta, 97,15% dos entrevistados era solteira, assim como 94,3% estava cursando a graduação. No que diz respeito às áreas acadêmicas 8,6% eram alunos do campo das Engenharias, 21,4% de ciências da saúde, 34,3% de ciências humanas, 14,3% de linguística, letras ou artes e 21,4% de ciências sociais aplicadas.

Nas questões relativas a fatores econômicos e familiares foi possível observar que 30% dos universitários sondados residiam em áreas nobres da cidade, 41,4% em bairros de classe média e 22,8% nas áreas periféricas de Salvador. A maioria, 58,6% dos alunos, apontou o ensino médio como maior

---

<sup>2</sup> O questionário utilizado na sondagem encontra-se disponível em anexo

diploma de pais e avós. 15,7% responderam que os familiares possuíam apenas o ensino fundamental incompleto, 12,9% ensino fundamental completo e 8,6% marcaram especialização como maior diploma. As opções ensino superior, mestrado e doutorado ficaram com apenas 1,4% cada. A renda predominante foi entre R\$1.734,00 e R\$7.475,00, apontada por 44,3% dos participantes da pesquisa. Cerca de 15,7% dos entrevistados apontou uma renda igual ou inferior a R\$1.085,00 e outros 24,3% informaram um valor entre R\$1.085,00 e R\$1.734,00. Os demais 15,7% apontaram renda superior a R\$7.475,00.

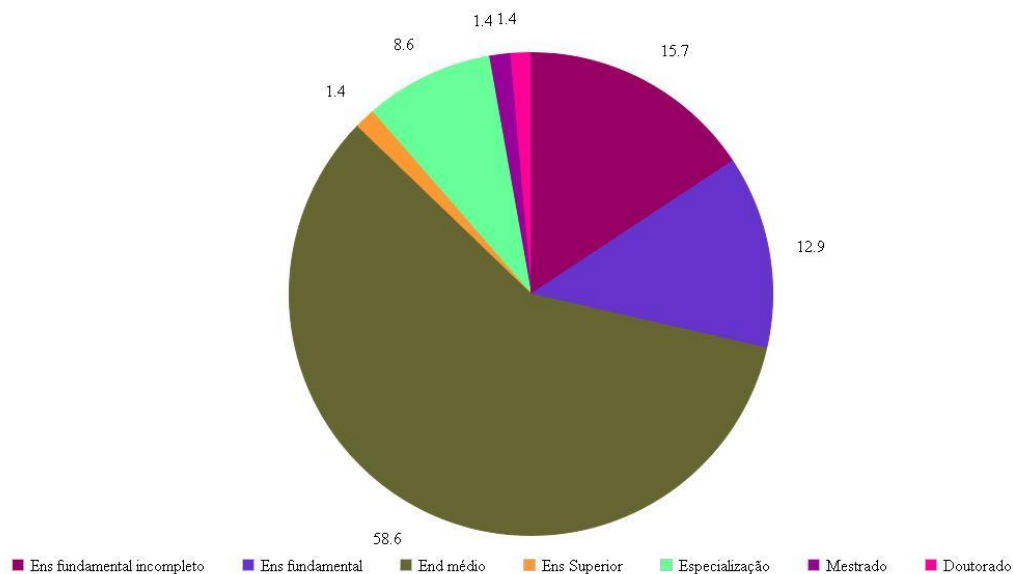
A partir desses dados é possível observar que a maioria dos estudantes universitários sondados apresentam um perfil de renda e residência mais compatível com o da classe média. Porém os grupos das extremidades, de maior e menor renda, também não se mostram desequilibrados: 15,7% tem renda inferior a R\$1.085,00 e os mesmos 15,7% tem renda superior a R\$7.475,00.

Relacionar formação escolar e renda, porém, não se mostrou tão simples quanto o esperado. Dos 15,7% que apontaram ensino fundamental incompleto como maior formação, 45,5% apontaram também renda entre R\$1.734,00 e R\$7.475,00, a mesma escolhida por 77,7% dos estudantes que possuíam entre pais e avós diplomas de graduação, especialização ou doutorado. Apesar dessa renda mais alta ocorrer com mais frequência entre os mais graduados, a sua taxa entre os de nível de escolaridade inferior também está longe de se mostrar irrelevante.

O fato de que cerca de 87% dos pais e avós dos estudantes sondados não terem formação superior também revela um dado interessante: **a maioria desses estudantes consiste na primeira geração da família a entrar na universidade**. Este dado mostra-se bastante relevante no que diz respeito a análise da influência do histórico familiar na formação cultural dos indivíduos, conforme a interpretação proposta por Bourdieu(2006).



Maior diploma familiar



Terminada a análise das questões classificatórias iniciais, é possível começar a observação dos resultados obtidos com as perguntas, de fato, voltadas ao consumo cultural. Nestas questões é preciso observar não apenas suas percentagens gerais, mas também a relação delas com o histórico e renda familiar, tornando assim possível uma reflexão a partir da tese de Bourdieu (2006).

Nas duas primeiras questões, referentes a origem dos móveis e qualidades que definiriam o interior da residência que os mesmos gostariam de habitar, 77,2% dos entrevistados afirmaram que adquiriram seus móveis em lojas de departamento e entre os adjetivos mais relevantes estavam: 1- asseado, limpo; 2- confortável; 3- básico, simples. Opções como clássico, luxuoso ou estiloso atraíram apenas 18,5% das respostas, o que revela um baixo interesse em apresentar em sua residência algum tipo de diferencial, seja ele econômico (luxuoso) ou de estilo (clássico, estiloso), dos que fizeram esta opção 84,6% possuíam renda superior a R\$1.734,00.

Na pergunta referente às atividades realizadas com frequência ou não pelos indivíduos destacam-se esportes (66%), academia (62%) e o estudo de idiomas (78%) como as mais frequentes para a maioria dos sondados. A prática de instrumento musical ou de artes plásticas, pintura e escultura foi marcada como frequente por apenas 10% dos entrevistados. Entre eles, 80% se encaixaram no terceiro grupo de renda e mas nenhum deles possuía um diploma familiar superior ao ensino médio.

Como principal ocupação para o tempo livre mais da metade do público apontou a internet e as redes sociais como passatempos prediletos. O cinema também apresentou grande popularidade, mas idas a museus, shows e teatros ocuparam as últimas posições, todos com frequência inferior a um terço das primeiras opções.

Já entre os estilos musicais prediletos estavam MPB, pop internacional e rock. Apenas 20% estudantes apontaram música clássica, considerada por Bourdieu como a grande música, como uma de suas favoritas, destes nenhum era filho de país formados, e cinco afirmaram que os familiares não tinham sequer o ensino fundamental completo. Porém, o grupo não é composto apenas de heterogeneidades, 81,25% dos estudantes que fizeram esta opção são dos cursos das áreas de ciências sociais aplicadas, ciências humanas, linguística, letras e artes.

Na parte referente ao vestuário, 48,8% afirmaram adquirir suas peças em grandes lojas de departamento e 27,14% em lojas de marcas locais. Já nas preferências na hora de se vestir a maioria, cerca de 26%, afirmou optar por roupas nas quais se sentissem confortáveis. Opções como 1- de corte clássico e qualidade e 4- audaciosa e rebuscada, juntas, receberam 18,5% das marcações e quase metade deste público correspondia a pessoas com renda familiar superior a R\$7.475,00.

Entre as opções de refeições, as “simples, mas bem apresentadas” foram as prediletas, com 35,7% dos votos. As opções “leves e saudáveis” e “sem cerimônia” empataram com as duas segundas maiores porcentagens, ocupando cada uma 22,8% das opiniões. Pratos “finos e rebuscados”, assim como os “originais e exóticos” foram preferidos por apenas 11,4% dos

entrevistados. Entre os que marcaram estas opções 62,5% afirmaram renda superior a R\$9.745,00.

A questão seguinte a ser avaliada diz respeito a adjetivos que designam qualidades que o entrevistado aprecia nas demais pessoas. “Educado” e “engraçado” ocuparam os dois primeiros postos de preferência. Entre os adjetivos com menor número de escolhas estão “distinto” (0%), “boa-vida” (4,3%), “refinado” (10%) e “artista” (14,3%) – qualidades bastante admiradas enquanto talentos ociosos, por volta do século XVII, mas que hoje já não são vistas como relevantes, ou com admiração pela grande maioria dos entrevistados.

Entre os gêneros de livros apresentados, relatos históricos, obras científicas\acadêmicas e livros de poesia estão entre os mais lidos. Nesta análise é importante ressaltar que 91,6% estudantes que apontaram livros de poesia como seus prediletos pertenciam a cursos de ciências sociais aplicadas, ciências humanas, linguística, letras e artes. A escolha por obras filosóficas também é feita predominantemente por estudantes destes campos.

Relativo a quantidade de livros (não acadêmicos) lidos no último ano 27% dos jovens indicou ter lido dois livros em 2013, um número um pouco maior, 30%,apontou ter lido três livros e outros 27% apontaram a leitura de cinco ou mais obras. Aqui é importante lembrar a observação de Bourdieu sobre as várias limitações presentes neste tipo de pergunta, um tanto quanto vaga e generalista: é possível levantar dados sobre o número de livros lidos, mas não se pode saber que tipos de livros foram estes e a que tipo de referência de leitura estes jovens estão se referindo ao responder tal pergunta. Dentro do grupo que apontou um maior índice de leitura não foi possível identificar um nível de renda dominante, estando os diversos níveis representados de forma simultânea e equilibrada. No que diz respeito ao nível de escolaridade formal dos pais dos mesmos, predominaram alunos cujos pais tinham ao menos o ensino médio, porém mostra-se bastante complicado estabelecer uma relação entre os dois itens uma vez que a maioria dos jovens participantes da pesquisa informaram essa opção como maior diploma de pais e avós, de forma que a pesquisa já conta, naturalmente, com um maior número de universitários deste perfil. Porém, novamente é possível notar uma

predominância do que iremos chamar de alunos de áreas humanas ou artísticas (ciências sociais aplicadas, ciências humanas, linguística, letras e artes).

Nas questões relativas ao consumo cinematográfico foi disponibilizada uma lista com o nome de vinte e quatro filmes, dos quais os entrevistados deveriam apontar aqueles que já tivessem assistido, e os que soubessem indicar o diretor. Dentre as vinte e quatro obras apresentadas, treze eram consideradas obras clássicas do cinema (como *Cidadão Kane*, *E o vento levou* e *O poderoso chefão*) ou faziam parte do chamado cinema de arte, ou de diretor, ou seja, eram filmes com menor apelo comercial e menos constituídos ao nível da estética comum (*Volver*, *Laranja Mecânica*, *Noivo Neurótico, noiva nervosa*). As demais onze obras cinematográficas eram basicamente *blockbusters* de sucesso como *Titanic*, *Avatar*, e *Se beber não case*.

Do grupo sondado 48% foi capaz de identificar entre zero e dois, dos treze filmes de arte presentes e apenas 24% marcou mais de cinco filmes deste tipo. Já no que diz respeito aos filmes comerciais os números se mostram opostos, 52% dos sondados já tinham assistido cinco ou mais filmes deste grupo e apenas 10% conhecia menos de dois títulos comerciais. Já no que diz respeito aos diretores, 62% dos universitários que participaram da pesquisa não foram capazes de indicar o diretor de nenhum dos filmes, e apenas 18% sabia quem dirigiu mais de cinco filmes. Novamente não é possível apontar nenhum padrão de renda como predominante, porém é importante ressaltar que metade dos alunos que apresentam este desempenho apontaram ensino fundamental incompleto como maior formação entre pais e avós, apenas três deles apontaram renda superior a R\$7.475,00 e todos pertenciam a área de ciências humanas.

Ainda no que diz respeito ao consumo cinematográfico 78,4% dos universitários disseram assistir seus filmes em casa ou em grandes cinemas. Apenas 21% dos entrevistados apontaram as salas de arte como principal local onde assistiam a filmes. Esse dado em boa parte corrobora com aqueles apresentados, anteriormente, que apontam os filmes comerciais como os mais conhecidos e consumidos.

Passando para o campo da música, 77% dos jovens disseram-se interessados por qualquer tipo de música de qualidade, e 17,2% afirmaram apreciar a grande música, apesar de não a conhecer. Apenas 1,4% dos estudantes marcaram a opção que aponta que “*a grande música não é para nós*” e 2,8% escolheram a opção “*gosto bastante da grande música, como as Valsas de Strauss*”, novamente nenhum dos entrevistados a fazer esta opção não possuíam altos níveis de renda ou de escolaridade familiar, mas pertenciam ao campo das humanidades.

A questão seguinte funciona de forma bastante similar a questão sobre cinema. Foi oferecida aos alunos uma lista com quinze músicas, e estes foram convidados a marcar as que conhecessem. Dentro desta lista de quinze títulos havia cinco que pertenciam ao que Bourdieu chamava de “grande música”, ou seja, eram obras clássicas instrumentais ou óperas bastante conhecidas. Neste mesmo grupo havia ainda quatro músicas de gêneros musicais mais populares, como funk, axé e sertanejo. Os dados apontam para um resultado bastante similar aquele encontrado nas questões relativas ao cinema, 24% dos alunos não foi capaz de identificar nenhuma das obras clássicas presentes, e apenas 8% afirmou conhecer três ou mais das cinco músicas clássicas ou óperas presentes no questionário. Três destes quatro alunos capazes de apontar mais obras clássicas, tinham o ensino médio como formação familiar e faziam parte do que convenciamos chamar de alunos de áreas humanas ou artísticas. Com as músicas mais comerciais e populares o resultado foi novamente oposto, 80% dos alunos afirmaram conhecer pelo menos três das quatro músicas.

Em seguida, o formulário dedica-se a investigar a familiaridade e interesse destes estudantes com a pintura. Na primeira questão, na qual os alunos eram solicitados a escolher um julgamento que se mostrasse mais próximo da sua opinião, 44,3% afirmaram que “*museu não é meu forte, mas eu posso apreciar*”. Apenas 4,2% escolheram a opção “*a pintura não me interessa*” e 40% do público dividiu-se entre “*gosto muito dos impressionistas*” e “*interesse-me tanto pela pintura abstrata quanto pelas escolas clássicas*”. Na questão seguinte, os universitários deveriam apontar os pintores que conheciam em uma lista de doze nomes bastante conhecidos como Picasso,

Van Gogh, Dalí, Vinci, Renoir e Goya. Do total de entrevistados 17,2% marcaram no máximo três pintores, 47% conseguiram indicar entre 4 e 6 e 34,2% afirmou conhecer sete ou mais pintores da lista. Entre os melhores resultados (entre 9 e 11 pintores identificados) estavam, predominantemente, alunos com diploma familiar de ensino médio, renda a partir de R\$1.734,00 e das áreas humanas a artísticas.

A familiaridade destes estudantes com alguns dos principais museus soteropolitanos também foi sondada. Do total, 51,4% afirmaram conhecer entre nenhum e dois dos museus indicados. Os demais 48,6% apontaram entre três e cinco museus como já visitados. Outra vez os que afirmaram conhecer mais museus apontaram também renda superior a R\$1.734,00.

As quatro questões seguintes todas solicitam aos entrevistados que eles escolham, entre as sentenças apresentadas, aquela que melhor corresponde a sua opinião. Na primeira, referente a pintura, 61,4% dos estudantes optaram pela sentença “não posso apreciar a pintura porque não a conheço muito bem”. A segunda, que abordava a fotografia, 97,1% do público concordou que a fotografia “é uma forma de arte importante enquanto registro do mundo”. As duas últimas perguntas elaboravam sobre a visão dos estudantes sobre o seu próprio consumo cultural. Na penúltima pergunta do questionário, 85,7% dos entrevistados afirmaram considerar que “*consumir produtos culturais de qualidade é essencial a formação do indivíduo*” e na última 58,5% afirmaram que “*meu consumo cultural é de grande importância para mim e eu estou sempre buscando por produtos de qualidade fora do circuito*” e outros 28,5% preferiram afirmar que “boa parte dos produtos culturais que eu consumo fazem parte do grande circuito”. Dos estudantes que afirmaram dar grande importância ao seu consumo cultural, 72% pertenciam ao menos ao terceiro grupo de renda (R\$1.734,00 a R\$7.475,00) e 77% tinham ao menos o ensino médio como maior diploma de pais e avós, números não muito diferentes daqueles que afirmaram consumir, principalmente, produtos do grande circuito, dos quais 70% também tinham histórico familiar a partir do ensino médio e 60% possuía renda familiar de pelo menos R\$1.734,00.

Por fim, é importante ressaltar que não se encontrou um padrão no perfil dos principais consumidores das diferentes práticas artísticas. Ou seja, os

universitários que demonstraram maiores conhecimentos em música ou cinema não possuem um perfil semelhante ao daqueles que apresentaram melhores resultados nas questões relacionadas à pintura, por exemplo. Desta forma, mostra-se importante avaliar separadamente os fatores apontados como causadores deste desempenho distinto.

#### 4.2 VERIFICAÇÃO DA TESE

Concluída a apresentação dos dados estatísticos gerais levantados através da pesquisa de opinião, é possível lançar um olhar mais demorado e segregado sobre estes mesmos dados a fim de verificar se há ligação entre os fatores econômicos e familiares e os padrões de consumo cultural dos universitários entrevistados, para a partir disto estabelecer comparativos com a pesquisa de Bourdieu (2006) sobre distinção social.

De acordo com Bourdieu“(...) não há o que distinga tão rigorosamente as diferentes classes quanto à disposição objetivamente exigida pelo consumo legítimo de obras legítimas (...)” (2006, p.42). Para o autor de *A distinção – crítica social do julgamento* é possível identificar os indivíduos pertencentes aos diferentes níveis sociais, econômicos e educacionais, através das disposições estéticas destes. De acordo com o autor, a certificação de diplomas e o conseqüente pertencimento a um determinado grupo social incluíam “acordos tácitos” nos quais estes mesmos indivíduos eram exigidos para muito além dos conhecimentos escolares adquiridos nestas instituições, como explica:

Portanto, na definição tácita do diploma, ao assegurar formalmente uma competência específica (por exemplo, um diploma de engenheiro), está inscrito que ele garante realmente a posse de uma “cultura geral”, tanto mais ampla e extensa quanto mais prestigioso for esse documento; e inversamente, que é impossível exigir qualquer garantia real sobre o que ele garante formal e realmente, ou, se preferirmos, sobre o grau que é a garantia do que ele garante Este efeito de imposição simbólica atinge sua máxima intensidade com os alvarás da burguesia cultura: certos diplomas – por exemplo,

aqueles que, na França, são atribuídos pelas Grandes écoles – garantem, sem outras garantias, uma competência que se estende muito além do que, supostamente é garantido por eles, com base em uma cláusula que, por ser tácita, impõe-se, antes de tudo, aos próprios portadores desses diplomas que, deste modo, são intimados a assenhorear-se realmente destes atributos que, estatutariamente, lhes são conferidos. (BOURDIEU, 2006, p.28-29)

Desta forma, os detentores de diplomas precisariam esforçar-se de forma a atender às expectativas extra escolares despertadas pelos diplomas obtidos. Com isso, essas diferenças produzidas pela classificação através de diplomas escolares acabaria por produzir ou fortalecer “*condutas destinadas a aproximar o ser real do ser oficial*” (BOURDIEU, 2006, p.29), ou seja aproximar o “real” do esperado. Em outras palavras os indivíduos seriam *alocados* em grupos de acordo com a sua formação e a partir disso seriam exigidos pelos demais e pelos seus pares práticas culturais diversas inscritas no interior destas instituições. É importante observar que, ao apontar o diploma como “condição de acesso” ao universo da cultura, Bourdieu (2006) se refere ao que ele chama de “cultural legítima” – pintura, música, teatro, literatura, etc. Ainda de acordo com o autor francês, sobre essa variável (nível de educação formal) atuariam também outras duas: a renda familiar e o histórico de educação formal.

A influência do histórico familiar seria explicada pela “lógica da transmissão do capital cultural”, de forma que os indivíduos se mostrariam capazes de “herdar” o capital cultural da família. Bourdieu (2006) vai mais além e explica que este se mostraria um grande diferencial em relação aos demais, uma vez que o contato precoce e natural com os produtos culturais, resultante desta herança cultural, permitiria um aprendizado mais lento e mais profundo dos códigos culturais. Desta forma, comparando dois estudantes de nível superior, um cujos pais também possuem nível superior e outro cujos pais tenham apenas o diploma do ensino médio, é esperado do primeiro um melhor desempenho no que diz respeito ao seu capital cultural, uma vez que este já teria maior “intimidade” com o campo.



O sociólogo observou também que o desempenho dos indivíduos, nessas questões relativas ao consumo cultural, também costumava melhorar a medida que se subia nos níveis sociais. Isso porque os entrevistados de origem mais abastada costumavam apresentar um maior capital cultural. Sendo a renda, portanto, uma variável igualmente importante nesta avaliação.

Portanto, se maiores diplomas garantissem (sem garantia alguma) um maior domínio dos códigos culturais, dentro de grupos com o mesmo nível de formação este consumo cultural variaria de acordo com estes dois outros fatores. Ou seja, entre dois indivíduos que possuíssem um mesmo diploma superior, por exemplo, aquele que apresentasse maior renda ou um melhor histórico familiar de educação formal apresentaria um melhor desempenho.

Partindo de uma concordância com a tese de Bourdieu (2006) no sentido de que as cobranças relativas a posse do capital cultural costumam se elevar quanto maior for o diploma – ou a *alocação* – do indivíduo, iremos realizar uma nova análise dos dados obtidos na sondagem, desta vez com o objetivo de observar se entre indivíduos que partilham um mesmo nível educacional é possível notar variações de desempenho relativas a renda e histórico familiar.

Primeiro iremos isolar os grupo de entrevistados que apresentou renda superior a R\$7.475,00 e observar o seu desempenho neste questionário, de forma a comparar suas escolhas com a do público geral de menor renda.

#### 4.2.1 GRUPO DE MAIOR RENDA

Em sua maioria, esse grupo, que representa 15,7% do grupo total sondado, é composto por moradores de áreas nobres da cidade e indicou, unanimemente, o ensino médio como maior diploma familiar. Apesar da renda mais elevada, o grupo também indicou as lojas de departamento como principal local de compra de seus móveis. Entre as qualidades mais apreciadas em uma residência também não houve novidade, foram escolhidos

os mesmos adjetivos da seleção anterior: 1- asseado, limpo; 2- confortável e 9- básico, simples.

As atividades mais frequentes apontadas foram esportes, academia e estudo de idiomas, e os passatempos mais comuns internet, redes sociais e cinema – apontados por 100% dos entrevistados. Este grupo porém, apresentou maior frequência em shows e teatro que os anteriores, de forma que quase metade do grupo afirmou ir ao menos ocasionalmente a estes espetáculos. Na música, MPB, Pop e rock se mostraram os ritmos prediletos, e apenas 11% dos componentes indicaram conhecer mais de três das obras pertencentes a grande música presentes na lista, e nenhum indicou esse estilo musical como o seu favorito.

Nas questões referentes ao vestuário 36,4% optaram por peças de corte clássico e de qualidade, enquanto outros 36,4% optam por peças estampadas e chamativas. A compra destas roupas é feita em lojas de marcas locais em 54,5% dos casos e 27,3% dos indivíduos compram em lojas de grifes internacionais. Nas refeições, 45,4% dos entrevistados de maior renda deram preferência a pratos finos e rebuscados.

Os adjetivos pessoais mais apreciados foram “engraçado”, “educado” e “positivo”, guardando grande semelhança com o resultado geral. Nos índices de leitura 72,7% afirmaram ter lido ao menos quatro livros no último ano. No cinema 44,4% dos participantes deste grupo conheciam sete ou mais dos filmes de arte presentes na lista e 33,3% deles foram capazes de indicar mais cinco diretores. A preferência por grandes cinemas ou assistir a filmes em casa foi recorrente.

No que diz respeito a opinião sobre música 81,9% indicaram que “todas as músicas de qualidade me interessam”. Na questão referente a familiaridade com uma série de títulos musicais apenas 11% indicou conhecer três ou mais obras da grande música, as obras de caráter popular, por sua vez, eram do conhecimento de todos.

Nas questões seguintes referentes à pintura, 63,3% dos entrevistados responderam que “o museu não é meu forte, mas eu posso apreciar”, outros 63,6% por entrevistados indicou conhecer sete ou mais dos doze pintores

presentes na lista e, novamente, 63,6% afirmaram conhecer entre três e cinco museus de Salvador. As últimas quatro perguntas apresentaram o mesmo resultado do levantamento geral.

Com isso é possível observar que a seleção de um grupo com maior nível de renda de fato leva a produção de novos resultados no que diz respeito ao consumo cultural dos indivíduos. Os universitários oriundos de posições sociais privilegiadas apresentaram um melhor desempenho nas questões relativas à cinema, 33,3% do grupo era capaz de indicar mais do que cinco diretores de filme, uma média 15,3% superior a geral; 44,4% também já havia visto pelo menos cinco dos treze filmes de arte apontados, diferente dos 24% da média geral. Também na pintura os índices foram superiores, 63,6% do grupo conhecia ao menos sete dos pintores listados, enquanto a estatística geral é de apenas 34,2%. O grupo também fez opções mais sofisticadas no que diz respeito à alimentação – 81,8% afirmou comprar roupas em grifes locais ou internacionais - e ao vestuário – quase metade optou por pratos rebuscados. No que diz respeito a familiaridade com a grande música, porém, este grupo apresentou um desempenho abaixo da média.

#### 4.2.2 GRUPO DE MELHOR HISTÓRICO EDUCACIONAL

Agora iremos isolar os dados relativos aos alunos cujo histórico familiar se mostrava superior ao da média (ensino médio) – ou seja, com diplomas de ensino superior, especialização, mestrado ou doutorado – e comparar com o desempenho apresentado por alunos cujos pais possuíam diplomas inferiores. Este grupo corresponde a cerca de 12,9% do total de entrevistados.

Primeiramente é possível observar que todos eles residiam em áreas nobres ou centrais da cidade e quase todos informaram renda entre R\$1.734,00 e R\$7.574,00. No que diz respeito ao móveis de sua residência, 55,5% informaram ter comprado os mesmos em lojas e decoração e os demais 44,5% em lojas de departamento, taxa inferior à média geral de 77,2%. Na questão relativa aos três adjetivos que caracterizavam o interior do local que eles gostariam de habitar predominaram quase os mesmos adjetivos: 1-

asseado, limpo (66,6%); 2- confortável (66,6%) e 9-básico, simples (44,4%). Adjetivos como *clássico*, *sóbrio* e *luxuoso* ficaram de fora das escolhas.

Nas questões relativas as atividades realizadas com frequência, esportes, academia e estudo de idiomas outra vez estiveram na frente, enquanto a prática de instrumentos musicais, artes plásticas e escultura se mostrou, igualmente, irrelevante. No que diz respeito ao gasto de tempo livre, a internet, redes sociais, e cinema foram novamente os favoritos, em detrimentos de shows e teatro.

Os estilos musicais apontados como prediletos foram rock, MPB e Jazz\Blues, guardando, outra vez, grande semelhança com o resultado geral. As roupas favoritas de 77,8% deste grupo foram as confortáveis, igualmente adquiridas em lojas de departamento. Já as refeições finas e rebuscadas foram a preferência de apenas 22,3% do grupo, que no geral preferiu marcar opções como “fartas e reforçadas” ou “leves e saudáveis”.

Dentre as características mais admiradas em outras pessoas estão: engraçado e educado, assim como na média geral. O terceiro adjetivo mais escolhido, porém, foi “artista”, que apesar de apresentar uma porcentagem quase irrelevante no grupo geral foi a escolha de 44,5% deste grupo. O índice de leitura se mostrou mais elevado, 77,7% dos indivíduos afirmaram ter lido ao menos quatro livros no último ano.

Já no que diz respeito ao conhecimento cinematográfico o índice de pessoas que apontou já ter assistido boa parte dos filmes de arte ou de diretor disponíveis na lista também se mostrou baixo. Somente 25% do grupo conhecia mais de cinco obras, um número não muito distante dos 24% que apresentaram o mesmo desempenho no grupo geral. Também 25% do grupo pode indicar o diretor de mais de cinco filmes e 54,4% não sabiam quem era o diretor de nenhum dos filmes. Os detentores de um “melhor” histórico familiar também preferem ver filmes em casa ou nos grandes cinemas.

Nas questões relacionadas à música a maioria também preferiu afirmar que “todas as músicas de qualidade me interessam” e nenhum componente do grupo conhecia mais do que duas das obras clássicas ou óperas presentes na

lista de músicas. Os sucessos comerciais, porém, eram de conhecimento geral.

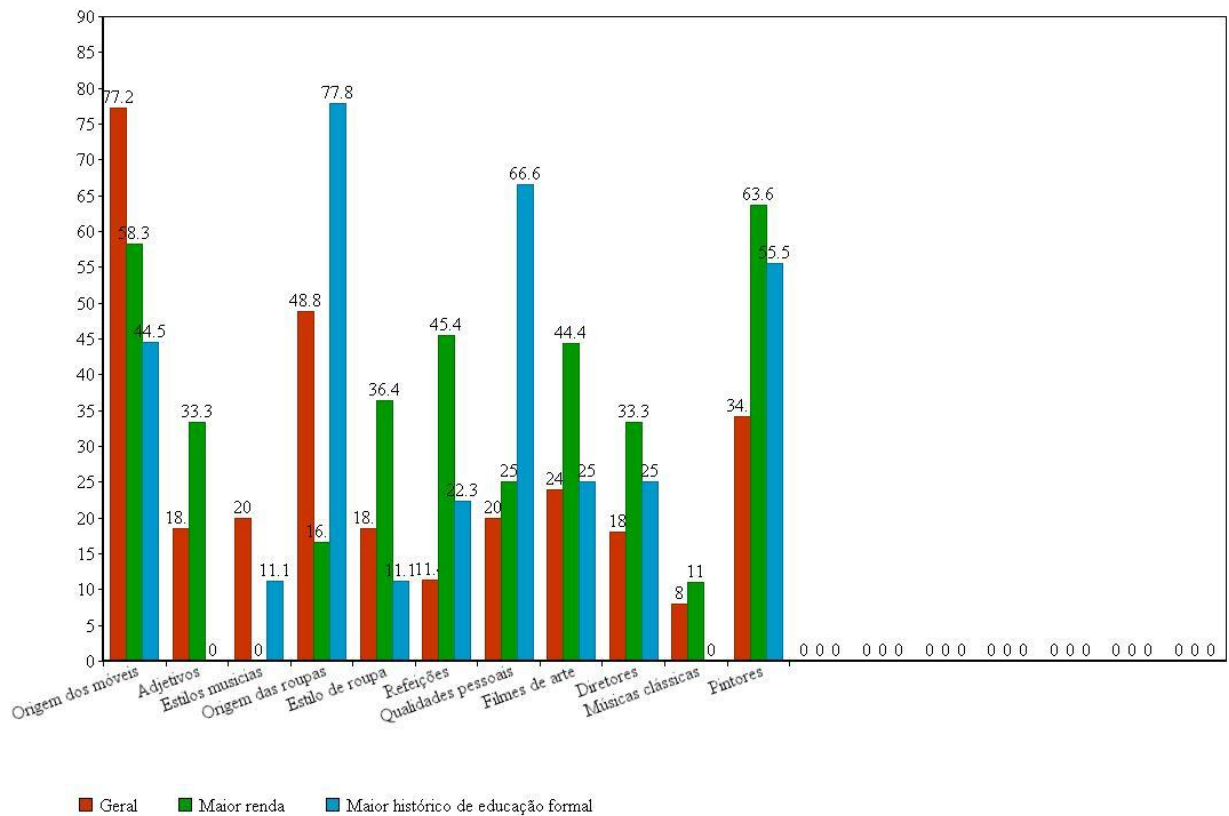
Na sessão dedicada a pintura 33,4% dos indivíduos afirmou gostar muito dos impressionistas e 44,5% afirmaram que museu não é seu forte, ou que consideram a pintura difícil. Além disso, 55,5% dos componentes deste grupo indicaram conhecer mais de sete dos doze pintores apresentados, uma estatística acima da média geral, de apenas 38,5%, porém apenas 33,4% conhecia mais do que três dos museus da lista.

No que diz respeito às perguntas finais, 55,5% dos entrevistados preferiram afirmar que “me é indiferente saber quem pintou e como”, e que a fotografia “é uma forma de arte importante enquanto registro do mundo”. Nas questões relativas à cultura, eles também se mantiveram de acordo com os resultados obtidos na avaliação geral de respostas.

Como é possível observar o desempenho deste corte em específico – entrevistados cujos pais cursaram aos menos o ensino superior – também apresentam resultados diferentes no grupo geral, apesar destas diferenças serem mais modestas do que as apresentadas pelo grupo de maior renda. Este foi o grupo que mais valorizou a característica “artista”, que foi escolhida por 44,5% dos indivíduos. As porcentagens de indicação de mais de cinco diretores (25%) e de mais de cinco filmes de arte (25%) foram mais altas que as gerais, mas essa diferença não ultrapassou 7%.

Nas questões relacionadas à pintura, 55,5% do grupo afirmou conhecer mais de sete pintores, 21,3% a mais que a média do grupo. No quesito alimentação 22,3% optaram por pratos finos e rebuscados, mais do que os 14,4% do grande grupo, porém muito menos que os 45,4% do grupo de maior renda. Assim como o grupo de alta renda, os universitários de “melhor” histórico familiar fizeram escolhas mais sofisticadas no que diz respeito à decoração, mas não em relação ao vestuário. Este grupo também apresentou desempenho superior no que diz respeito à grande música. Confira a comparação geral do desempenho dos três grupos:

## Consumo Cultural



A origem dos móveis e das roupas compara os percentuais de compra dos mesmos em lojas de departamento; os adjetivos imobiliários comparados são: clássico, luxuoso e estiloso. Estilos musicais diz respeito a escolha de música clássica como favorita, e o estilo de roupa a preferência por peças: clássicas, rebuscadas e audaciosas. No que se refere as refeições é comparado quantos de cada grupo preferiram pratos finos, rebuscados e originais. O item qualidades pessoais se refere a valorização de adjetivos como: distinto, refinado e artista. Também são comparados o número de participantes capazes de reconhecer mais de cinco filmes de arte e indicar mais de cinco diretores. Por fim, é feita a comparação entre o número de participantes capaz de indicar três ou mais músicas clássicas e 7 ou mais pintores.

### 4.3- AVALIAÇÃO DE FATORES

Observando os resultados obtidos nos dois recortes feitos no grande grupo – o primeiro relativo à renda e o segundo ao diploma familiar- é possível notar que apesar do decréscimo de prestígio sofrido pelo consumo cultural nos últimos séculos, e mais especificamente nas últimas décadas, este ainda se mostra um importante fator de distinção social entre as classes, estando de acordo com o que foi indicado por Bourdieu (2006) na década de setenta. Ou seja, apesar do intervalo de mais trinta anos entre as duas pesquisas, seus resultados se mostram bastante atuais.

Desta forma, indivíduos que já adentram o sistema de ensino formal trazendo consigo estas “heranças” culturais e econômicas ainda apresentam um desempenho “melhor” em relação aos outros estudantes de mesmo nível que não possuem essas heranças culturais e financeiras. Assim, como já explicava Bourdieu (2006), o sistema de ensino continua se mostrando ineficiente e insuficiente para a superação das diferenças geradas por estes fatores, permitindo assim às classes mais abastadas a reproduzir geração após geração esse domínio simbólico.

Por outro lado, é difícil ignorar alguns outros desvios em relação à média apresentados por estudantes universitários matriculados em áreas relativas as ciências sociais aplicadas, ciências humanas e linguística, letras e artes. Apesar de apenas 12% dos indivíduos deste grupo apresentarem pais com diplomas de ensino superior e apenas 16% estarem no grupo de maior renda, em diversos tópicos este grupo heterogêneo (no que diz respeito a renda e histórico familiar) foi o de melhor desempenho.

Entre os 20% que apontaram música clássica como a sua favorita todos faziam parte das áreas de conhecimento citadas e nenhum tinha diploma de ensino superior na família. Entre os que apontaram livros de poesia ou filosofia como seus gêneros preferidos, 91,6% pertenciam a este grupo, assim como todos os 18% dos entrevistados que foram capazes de indicar quem dirigiu mais de cinco filmes da lista. No que diz respeito à música, 75% dos que conheciam três ou mais das cinco obras clássicas ou óperas indicadas na lista,

também eram destas três áreas de conhecimento, da mesma forma que foi também nestas áreas que foram encontrados os melhores resultados no reconhecimento de pintores. É possível notar que muitas das estatísticas presentes nesta área se mostram, inclusive, superiores aos dos grupos de maior renda e maior diploma familiar.

Para entender esses dados é preciso levar em consideração que a grande maioria dos cursos de graduação abarcados por estas áreas do conhecimento dizem respeito ou fazem relação com algum tipo de cultura legítima – como os estudos de letras, música e teatro, de forma mais direta, e comunicação, design, e educação, de forma mais indireta, por exemplo – e costumam ser escolhidos por pessoas que já apresentam uma disposição natural ao estudo e contato com este tipo de conhecimento, ou seja, de capital cultural.

Dessa forma, é possível imaginar que dentro desses grupos sociais menores e específicos, formados em sua maioria por indivíduos que compartilham os mesmos interesses, e já possuem uma disposição natural ao acúmulo de capital cultural, as exigências institucionais, antes presentes de forma mais homogênea para todos os que detivessem um mesmo nível de formação, estariam presentes de forma mais ativa.

Portanto, as pressões e exigências extra escolares passariam, então, a variar também de acordo com a área do indivíduo, se mantendo mais forte em alguns grupos e mais brandas em outros. De forma que é esperado de um aluno de letras, por exemplo, um maior “acúmulo de capital cultural”, do que é esperado de um estudante de engenharia. Com isso, o desempenho cultural de indivíduos com um mesmo nível de educação formal passaria a variar não apenas de acordo com seu histórico familiar e posição social, mas também de acordo com a sua área de conhecimento.

Isso explicaria em parte o melhor desempenho apresentado por alunos de Ciências Humanas, Linguística, Letras e Artes e Ciências Sociais Aplicadas, que apesar de não fazerem parte do grupo de “herdeiros” que tiveram a oportunidade de, em seu convívio familiar, estabelecer contato e familiaridade com a “cultura legítima”, apresentaram a maior proximidade com



a grande música e maior conhecimento de nomes de diretores - capacidade que o próprio Bourdieu(2006) reconhece como traço de uma disposição legítima, resultado de um esforço para além da mera presença em salas de cinema ou número de filmes assistidos.

Este novo fator pode ser resultante também da maior facilidade de acesso ao conhecimento especializado sobre cultura, assim como às próprias obras de arte, possibilitada pelas novas tecnologias, como a internet, e, principalmente, pelas novas políticas sociais, tais como as cotas e o aumento da distribuição de renda, que têm permitido a formação de um perfil universitário mais diversificado e impensável até pouco tempo atrás. Segundo dados divulgados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), em janeiro de 2013, somente entre 2003 e 2012 o número de brasileiros matriculados no ensino superior aumentou cerca de 81%, passando de três para mais de sete milhões. Já no que diz respeito ao acesso à Internet, de acordo com o levantamento realizado em 2012 pelo Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação (CETIC), 40% dos lares brasileiros já dispõem deste recurso tecnológico.

A atuação destes fatores poderia explicar também porque estes universitários apresentaram desempenho superior em música, pintura e cinema, mas não fizeram escolhas mais sofisticadas no que diz respeito ao vestuário, decoração e alimentação. Ao contrário das primeiras formas de cultura, que têm passado por um processo de barateamento e podem ser acessadas, gratuitamente, através da internet (no sentido de que é possível ler diversos livros, assistir a filmes, baixar músicas e realizar *tours* virtuais a museus – tudo, gratuitamente, através de internet), manter hábitos sofisticados no que diz respeito a alimentação, roupas e decoração ainda custam caro, o que explicaria a maior incidência deste tipo de consumo cultural entre os mais abastados.

Além disso é importante destacar que, como explica o próprio Bourdieu em *Gostos de classe e estilos de vida* (1983), há na classe média uma postura de se distanciar da arte massiva e uma constante tentativa de se aproximar das formas de arte da elite dominante, que o autor chama de “cultura legítima”. Porém, o fato da classe média reconhecer a importância e se inclinar em

direção a este tipo de arte nem sempre significa que esta realmente domina os conhecimentos necessários para compreensão destas formas de arte, principalmente no que diz respeito as vanguardas. Como explica o sociólogo: “As diferentes classes sociais se distinguem menos pelo grau em que reconhecem a cultura legítima do que pelo grau em que elas a conhecem” (BOURDIEU, 1983, p.08).

Portanto, essa ampliação nos modos de acesso, seja através da internet ou da escolarização formal, tornou o acesso à cultura legítima menos restrito às classes mais abastadas e possibilitou a mais indivíduos, que já possuíssem uma pré-disposição, o aprendizado dos códigos necessários a decodificação das obras culturais. Ainda não é possível dizer que esta é uma quebra no domínio simbólico estabelecido por anos pelas classes de maior *status quo* em relação às outras, porém esses dados podem indicar o início de uma lenta transição e levantam a possibilidade de que formas de ultrapassar as heranças simbólicas dos privilegiados sejam cada vez mais possíveis.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obtenção de capital cultural ainda mantém uma relação de dependência com a origem social e educação familiar do indivíduo. Assim como apontado na pesquisa de Bourdieu em *A distinção – crítica social do julgamento* (2006), estes dois fatores ainda são responsáveis por prover uma vantagem no acúmulo do capital cultural, o que acaba por criar um ciclo vicioso de transmissão que tende a manter o domínio do capital simbólico na mão dos mesmos grupos.

Na sondagem realizada junto a um grupo de setenta alunos da Universidade Federal Bahia foi observado que, em uma média geral, o grupo não demonstra grande proximidade com o que Bourdieu chama de cultura legítima. A maioria não era capaz, por exemplo, de indicar o nome dos diretores dos filmes que assistiu, nem indicaram conhecer muitos pintores ou a grande música.

Estes resultados, porém, se mostram, consideravelmente, melhores ao se observar apenas os grupos de maior renda ou de maior diploma familiar, o que comprova que esses dois fatores ainda possibilitam um maior acúmulo de capital cultural mesmo entre indivíduos que compartilham de um mesmo nível de educação formal. É importante ressaltar também que, estabelecendo uma comparação entre os dois grupos, aquele cujos pais possuíam maior renda, apresentaram ainda mais familiaridade com a cultural legítima do que os de melhor histórico escolar familiar.

Por outro lado, durante o levantamento de estatísticas, um outro grupo chamou atenção graças ao seu bom desempenho: os alunos de ciências humanas, ciências sociais aplicadas e linguística, letras e artes. A grande maioria dos alunos que apresentaram grande familiaridade com as obras culturais legítimas, independente no seu nível de renda ou escolaridade familiar, faziam parte dessas áreas acadêmicas. Este resultado chamou a atenção para novas possibilidades de domínio dos códigos culturais.

Ainda é difícil explicar os fatores que possibilitaram esse desempenho diferenciado por parte desse grupo, mas entre os possíveis fatores contribuintes é possível citar um interesse natural por parte desses indivíduos, uma vez que os mesmos escolheram como sua profissão áreas ligadas direta ou indiretamente a práticas culturais; uma maior pressão interna dentro dos grupos desta área; e as novas configurações sociais que permitam maior acesso a educação formal e ao conhecimento especializado sobre cultura.

Nos dias de hoje, o público universitário é incomparavelmente maior e mais diverso do há alguns anos atrás. Escolas e especialmente universidades públicas, assim como outros programas de incentivo à educação, permitiram a diversos novos grupos, especialmente os de menor renda, acesso a este nível educacional antes restrito às elites. Aliado a isso ferramentas como a internet e até mesmo o barateamento de produtos culturais, facilitaram o acesso às obras e a conhecimentos especializados sobre diversos formatos artísticos, possibilitando, a quem tivesse interesse, um acesso muito mais simples e rápido.

Portanto, é possível concluir que apesar dos níveis diferenciados de renda e de educação formal familiar ainda promoverem um maior domínio dos códigos culturais, e o pior, um domínio “hereditário”, já é possível pensar em pequenas quebras desse monopólio. Apesar de ainda se tratar de um grupo restrito, aqueles que possuem uma aptidão natural para o tema e decidem se dedicar a ele tem encontrado maiores possibilidades de obtenção de capital cultural, o que já lhes permite competir com aqueles que receberam vantagens através de sua posição social e familiar.

É preciso reconhecer que não há garantias quanto a esse processo, sendo essencial realizar mais e novos estudos que acompanhem e investiguem as mudanças neste processo de obtenção de capital cultural. Porém, é possível dizer que esta pequena quebra no domínio simbólico das classes mais abastadas, identificada por essa pesquisa, pode ser o indicativo de uma lenta, porém gradual mudança no acesso ao capital cultural que por fim permita o domínio do capital cultural por outros grupos sociais e não apenas os dominantes.



## Referências

ARAÚJO, Emily. **Consumir para ser: o consumo na contemporaneidade sob um enfoque sociológico**. In: **XII Congresso de Ciências da Comunicação da Região Nordeste**. Campina Grande, 2010. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2010/resumos/R23-0528-1.pdf>>

BAUER, Martin W e GASKELL, George (Ed.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. guareschi. Petrópolis: Vozes, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **A opinião pública não existe**. In: THIOLENT, Michel. **Crítica Metodológica, investigação social e enquete operária**. São Paulo : Polis, 1981. p. 137-151

BOURDIEU, Pierre. **Gostos de classe e estilos de vida**. In: ORTIZ, Renato (org). **Pierre Bourdieu: Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983b. pag. 82-121

BOURDIEU, Pierre. **A distinção - crítica social do julgamento**. Porto Alegre: Editora Zouk, 2006.

CUCHE, Denny. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Tradução Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 1999.

CUNHA, Maria Amália. **O conceito "capital cultural" em Pierre Bourdieu e a herança etnográfica**. Revista Perspectiva, Florianópolis, v. 25, n. 2, p503-524, julho/dezembro 2007.

FEATHERSTONE, Mike. **Cultura de consumo e Pós-modernismo**. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

FLANDRIN, Jean-Louis. **A distinção pelo gosto**. In: ARIÈS, P. e CHARTIER, R. (orgs). **História da Vida Privada, 3: da Renascença ao Século das Luzes**, p. 267-309. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

GAMBARO, Daniel. Bourdieu, Baudrillard e Bauman: **O Consumo Como Estratégia de Distinção**. Revista Novos Olhares, v.1, n. 25, p19-26, março 2012. Disponível em:

<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/novosolhares/article/viewFile/8135/7497>>

MONASTÉRIO, Leonardo. **Veblen e o Comportamento Humano: uma avaliação após um século de "A Teoria da Classe Ociosa"**. Cadernos IHU Idéias, ano 3, n 42, 2005.

RIBEIRO, Raquel. **O consumo: uma perspectiva sociológica**. In: **VI Congresso Português de Sociologia**. Lisboa, 2008. Disponível em: <<http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/105.pdf>>

TRIGG, Andrew. **Veblen, Bourdieuan dConspicuousConsumption**. JournalofEconomicIssues, v. XXXV, n. 1, p99-115, march2001.

VEBLEN, Thorstein. **A teoria da classe ociosa**. São Paulo: Livraria Pioneira, 1965.

WILLIAMS, Raymond. **Keywords: a vocabularyofcultureandsociety**. London: Fontana Paperbacks, 1976.

## ANEXO

### Questionário

#### - Sexo

- 1 - Feminino ( )                      2- Masculino ( )

#### - Idade

- 1 - Entre 18 e 22 anos ( )    2 - Entre 22 e 26 anos ( )    3- Mais de 26 ( )

#### - Estado civil

- 1- Solteiro ( )            2- Casado ( )            3- Separado ( )            4- Viúvo ( )

#### - Local de residência

- 1 - Centro ( )            2- Itapagipe ( )            3- São Caetano ( )    4- Liberdade ( )  
5- Brotas ( )            6- Barra( )            7- Rio Vermelho ( )    8- Pituba/Costa Azul

- 9- Boca do Rio/Patamares ( )            10- Itapuã ( )            11- Cabula ( )  
12- Tancredo Neves ( )            13- Pau da Lima ( )            14- Cajazeiras  
( ) 15- Ipitanga ( )            16- Valéria ( )            17- Subúrbios Ferroviários ( )  
18- Ilhas ( )

#### - Escolaridade

- 1- Nível superior incompleto ( ) 2- Nível Superior( ) 3- Especialização( ) 4- Mestrado ( )  
5- Doutorado ( )

#### - Área acadêmica

- 1- Ciências biológicas ( )  
2- Ciências Exatas e da Terra (mat/fis/quim/geo) ( )  
3- Engenharias ( )  
4- Ciências da saúde ( )  
5- Ciências agrárias (vet/ tec de alimentos) ( )  
6- Ciências sociais aplicadas ( )  
7- Ciências humanas (hist/antrop/psico/edu/polit) ( )  
8- Linguística, letras e artes ( )



**- Maior diploma dos pais e avôs**

1- Ensino fundamental incompleto( ) 2- Ensino fundamental ( ) 3- Ensino médio ( )  
3- Nível Superior( ) 5- Especialização( ) 6- Mestrado ( ) 7- Doutorado ( )

**- Faixa média de renda**

1- R\$0,00 a de R\$1.085,00 ( ) 2- R\$1.085,00 a R\$1.734,00 ( ) 3- R\$1.734 a R\$7.475,00 ( )

4- R\$7.475,00 a R\$9.745,00 ( ) 5- Acima de R\$9.745,00 ( )

**- Você possui:**

1- automóvel ( ) 2- telefone fixo ( ) 3- telefone móvel ( ) 4- microcomputador  
5- televisão ( ) 6- DVD ( ) 7- home theater( ) 8 Blu Ray ( ) 9- Motocicleta ( )  
10 - Acesso à internet ( )

\*\*\*

**1 - Qual a origem dos seus móveis?**

1- lojas de departamento ( ) 2- lojas de decoração ( ) 3- supermercados ( ) 4-  
antiquários ( ) 5- lojas de objetos usados ( ) 6- herança ( ) 7- encomendou móveis  
planejados ( )

**2 - Quais são os três adjetivos que melhor qualificam o interior da residência que você gostaria de habitar?**

1- asseado, limpo ( ) 2 - confortável ( ) 3- sóbrio, discreto ( ) 4clássico ( ) 5- prático,  
funcional ( ) 6- luxuoso ( ) 7- estiloso ( ) 8- chamativo ( ) 9 Básico, simples ( )

**3 - Quais das atividades enumeradas abaixo você pratica com frequência (1) raramente (2) e nunca pratica (3) ?**

1- Esportes  
2- Academia  
3- Caminhada  
5- Artes plásticas, pintura, escultura  
6 -Prática de um instrumento musical  
7- Estudo de outros idiomas

**4 - No seu tempo livre, quais destas atividades você realiza com muita frequência (1), ocasionalmente (2), raramente (3)?**

- 1 - Assistir televisão
- 2 - Navegar na internet
- 3- Acessar as redes sociais
- 4- Ir ao cinema
- 5- Ir ao teatro
- 6- Ir a um show
- 7 -Ouvir rádio
- 8- Passear em praças e espaços livres
- 9- Visitar museus

**5 - Quais são, entre os estilos musicais listados, os seus três favoritos?**

- 1- Pop internacional ( )
- 2- Rock ( )
- 3- Heavy Metal
- 4- Sertanejo ( )
- 5- Pagode ( )
- 8- Arrocha ( )
- 9- Samba ( )
- 10- Jazz/Blues ( )
- 11- Música clássica ( )
- 12- MPB ( )

**6 - Você prefere uma roupa:**

- 1- de corte clássico e qualidade ( )
- 2- estampadas e chamativas ( )
- 3- sóbria e adequada ( )
- 4- audaciosa e rebuscada ( )
- 5- ousada e sexy ( )
- 6- na qual você se sinta confortável ( )

**7 - Suas roupas são:**

- 1- compradas em lojas de departamento ( )
- 2- adquiridas em lojas de marcas locais ( )
- 3- compradas nas lojas de grifes internacionais ( )
- 4- feitas por uma costureira ( )
- 5- encomendadas em um alfaiate ( )
- 6- adquiridas em lojas de bairro ( )
- 6- feitas em casa ( )
- 7- doadas por outras pessoas ( )

**8 – Você aprecia refeições:**

- 1- simples, mas bem apresentadas ( )
- 2- fartas e reforçadas
- 3- leves e saudáveis ( )
- 4- finas e rebuscadas ( )
- 5- originais e exóticas ( )
- 6- sem cerimônia ( )

**9 - Marque os adjetivos que designam 3 qualidades pessoais que você aprecia**

- 1- boa-vida ( )                      4- refinado( )                      7- sensato( )                      10- sociável( )  
 2- engraçado( )                      5- artista( )                      8- positivo( )                      11- trabalhador( )  
 3- dinâmico( )                      6- educado ( )                      9- distinto( )                      12- justo( )

**10 - Entre os gêneros de livros, quais os dois que você prefere?**

- 1- romances policias/ de aventura( )                      6- poesia( )  
 2- histórias românticas( )                      7- obras filosóficas( )  
 3- relatos históricos( )                      8- obras de autores clássicos( )  
 4- obras de autores modernos( )                      9- relatos de viagem( )  
 5- obras científicas/acadêmicas( )                      10- obras fantasiosas( )

**12- Quantos livros você leu no último ano?**

- 1- Um ( )    2- Dois ( )    3- Três ( ) 4- Quatro    5- Cinco ou mais ( )

**13 - Quais os três gêneros de filmes que você prefere?**

- 1- ação ( )                      5- noir ( )                      9- policias ( )  
 2- terror ( )                      6- fantasia( )                      10--romântico ( )  
 3- musicais( )                      7- comédia( )                      11- ficção científica( )  
 4- clássicos                      8- drama( )

**14 - Quais filmes desta lista você viu? Marque um \* se puder indicar o diretor.**

- 1- Titanic( )                      13-Crepúsculo( )  
 2- Avatar( )                      14- Laranja Mecânica( )  
 3- PulpFiction( )                      15- Se beber não case( )  
 4- O último tango em Paris ( )                      16- AméliePoulain( )  
 5-Jules e Jim ( )                      17- 2001: uma odisséia no espaço( )  
 6- E o vento levou( )                      18- O exorcista( )  
 19- Sexta-feira 13( )                      20- E.T.( )  
 9- O poderoso chefão( )                      21- Psicose( )  
 10- Cidadão Kane( )                      22- Noivo neurótico, noiva nervosa( )  
 11- Volver( )                      23- Chinatown( )

12- American Pie( )

24- Jogos Vorazes( )

**15- Onde você costuma assistir seus filmes?**

1- Em grandes cinemas( )

2- Em salas de arte( )

3- Em casa ( )

**16 - Qual rádio você escuta principalmente?**

1- Globo FM ( )

4- Itapoan FM ( )

2- Bahia GM ( )

5- Metr pole FM ( )

3- Educadora FM ( )

6- Vida FM ( )

**17 - Quais programas de televisão você assiste principalmente?**

jornais televisivos ( )

programas de variedades( )

novelas( )

filmes/series ( )

programas de plateia ( )

programas de fofoca( )

programas sobre a atualidade( )

programas científicos ( )

**18 - Quanto tempo em média você passa em frente   televisão diariamente?**

1- Menos de uma hora ( )

2- Uma ou duas horas ( )

3- Mais de três horas ( )

**19 - Entre os julgamentos abaixo, qual   o mais próximo de sua opinião?**

1- a grande música   complicada ( )

2- a grande música não   para nós ( )

3- aprecio a grande música, mas não a conheço ( )

4- gosto bastante da grande música, como as valsas de Strauss ( )

5- todas as músicas de qualidade me interessam ( )

**20 - Quais são, nesta lista, as obras musicais que você conhece?**

1- As quatro esta es( )  
Perfumada ( )

6- Alegria, alegria( )

11 - Margarida

2- O dan bio azul ( )

7- Exagerado( )

12- Habanera ( )

3- Show das poderosas ( )  
)

8- Garota de Ipanema ( )

13- Acabou Chorar  ( )

4- Voa beija-flor ( )

9- Cavalgada das Valqu rias ( )

14- All star ( )

5- Detalhes ( )  
mobile ( )

10- Camaro amarelo ( )

15- La donna è

**21 - Entre os julgamentos abaixo, qual é o mais próximo da sua opinião?**

1- a pintura não me interessa ( )

2- o museu não é o meu forte, mas eu posso apreciar ( )

3- a pintura é bela, mas difícil ( )

4- gosto muito dos impressionistas ( )

5- interesse-me tanto pela pintura abstrata quanto pelas escolas clássicas ( )

**22 - Quais são, entre os pintores abaixo, os que você conhece?**

1- Vinci( )

4- Dalí ( )

7- Goya( )

10- Van Gogh( )

2- Renoir( )

5- Kandinsky( )

8- Rousseau( )

11- Picasso( )

3- Utrillo( )

6- Kahlo( )

9- Magritte( )

12- Velázquez( )

**23 - Você já visitou os seguintes museus:**

1- Museu de Arte da Bahia ( )  
Geológico ( )

2- Museu de Arte Moderna ( )  
4- Museu de Arte Sacra ( )

3 Museu  
5- Museu Carlos Costa  
Pinto ( )

**24- Escolha o enunciado que melhor corresponde a sua opinião:**

1- a pintura moderna, seja feita do que for, uma criança poderia fazer igual ( )

2- me é indiferente saber quem pintou e como ( )

3- não posso apreciar a pintura porque não a conheço muito bem ( )

**25- Sua opinião referente a fotografia é a seguinte:**

1- É uma forma de arte importante enquanto registro do mundo ( )

2- É até bonito mas é uma forma de arte de menor importância ( )

3- Não vejo fotografia como arte ( )

**26 – Marque o enunciado que melhor corresponde a sua opinião:**

1- Consumir produtos culturais de qualidade é essencial a formação do indivíduo ( )

2- Cultura para mim são os produtos que vejo na televisão, nas rádios e nos grandes cinemas(

3- Considero cultural algo relevante porém não tenho muita aproximação com o tema ( )

4- Apreciação de arte é uma grande perda de tempo para mim ( )

**27 – Com quais destas sentencias você mais concorda:**

- 1- Boa parte dos produtos culturais que eu consumo fazem parte do grande circuito
- 2- Arte para mim é apenas uma forma de entretenimento e lazer
- 3- Meu consumo cultural é de grande importância para mim e eu estou sempre buscando por produtos de qualidade fora do circuito